A Cena Muda

CINEMA e RÁDIO

O novo filme de Cavalcânti...

Heleninha Costa detesta o Carnaval

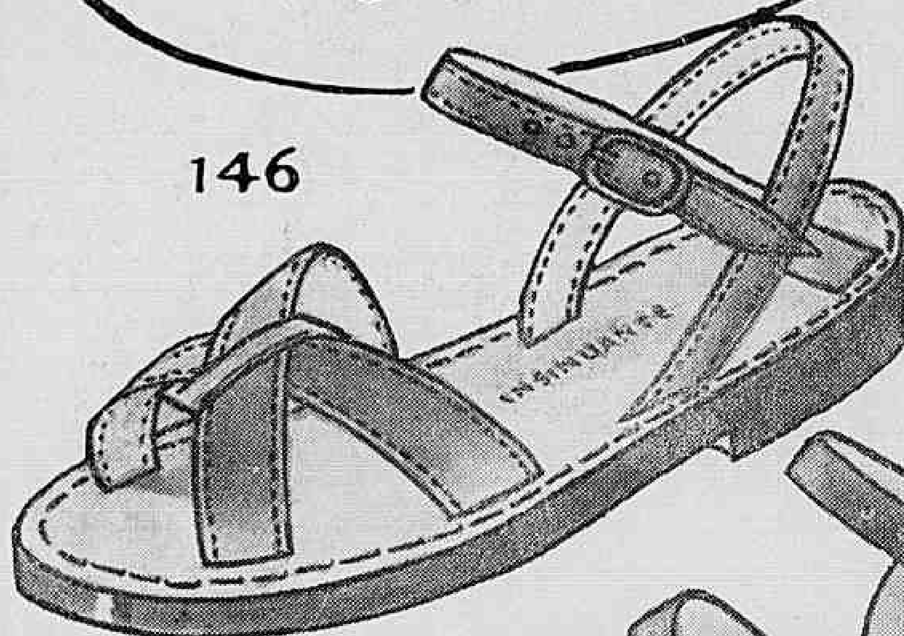
A velhice deu sorte a Jeff Chandler

Nº 6 ★ 4 DE FEVEREIRO DE 1953 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL

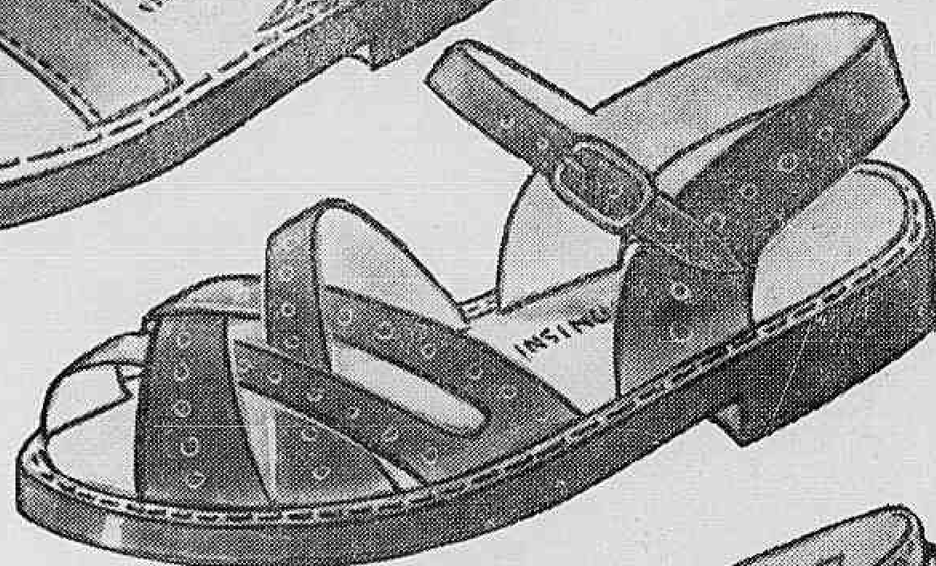


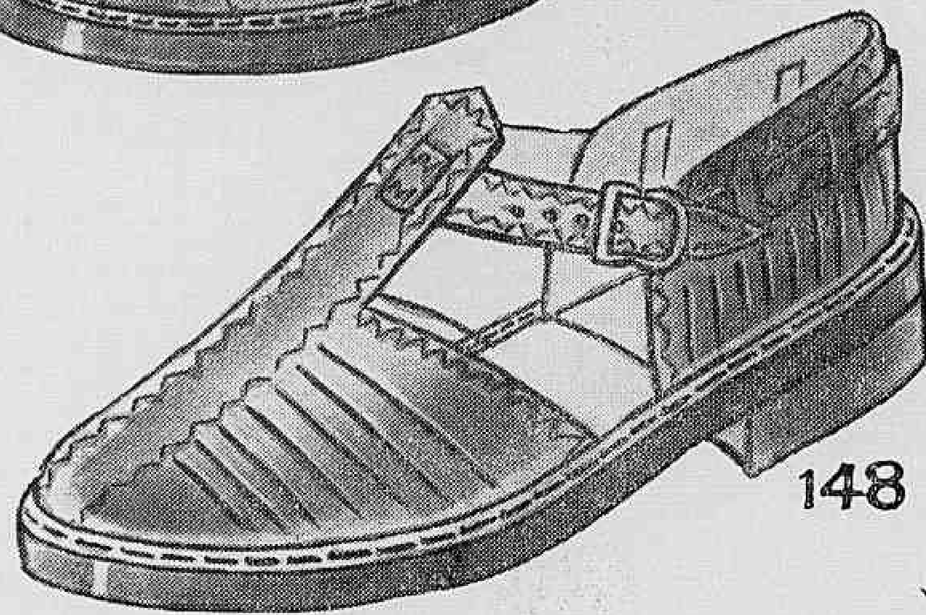
insinuante lança o grito de CARNAVAL!...

146



147





148

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

146 — Preço Cr$ 68,00 — 72,00 — 75,00. Respectivamente de 20/27, de 28/32 e de 33/44. Um artigo confortável, orático e durável. Para tôdas as idades e para os dois sexos.

147 — Preço Cr$ 100,00. Num : de 37/44. Um sapato-sandália cem por cento. Vale muito mais!

148 — Preço Cr$ 138,00. Num.: de 36/44. Este, reúne todos os predicados Vale o dôbro!

Remetemos para todo o Brasil, porte por par: 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

INSINUANTE DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

"En Rade" em versão brasileira, por Paulo Brandão.... 4-5-6
O aviador Roberto Batalin cansou-se de comprar pianos.. 14
A velhice precoce deu sorte a Jeff Chandler 18-19

Cine-Romances:

Messalina e o Bombeiro 11-12
Odisséia de um inventor ... 16-17

Seções Permanentes:

Comentário: "Fatos, coisas e curiosidades", escreveu Paulo Brandão 3
Estréias no Mundo do Cinema 7
Telas da Cidade — Criticas, de Livio Dantas 8-9
Noticias e comentários do Cinema Nacional, por Justus — e Atrás das Cameras, por Mr. Take 10
Cine Mundial 13
Hollywood Boulevard, por Dulce Damasceno Brito, correspondente especial da Cena 15
Cena Responde e Cine-Critica do Leitor 20

RÁDIO

Reportagens especiais:

Heleninha Costa detesta o Carnaval 21-22-23-24
Rogéria já é cartaz 25
Rui Rei no index da Censura. 27-28

Seções Permanentes:

Daqui, dali-dacolá, Disse-me-disse e Vale a pena saber.. 26
Sintonizando e Rádio-Social .. 33

Música Popular:

Para Você Cantar 30

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica — 23º Capitulo — por José Fernandes 31-32

COMENTÁRIO

FATOS, COISAS e CURIOSIDADES

A Televisão, o cinerama, e a Terceira Dimensão, estão afastando o público das salas de projeção cinematográfica nos EE. UU. Outrora o nome dêste ou daquele artista num filme era quase sempre uma garantia de sucesso financeiro. Mas nos dias atuais a situação é outra, em face dos progressos da televisão e da marcha a passos largos da terceira dimensão.

Enfim isto está acontecendo lá fora, nada temos a recear, apenas ficamos à espera para ver de perto e satisfazer a nossa curiosidade.

Um outro detalhe curiosa é o que se refere ao nosso cinema. Nada menos de 126 produtores estão atualmente registrados no MTiC. Daí deduzirmos: será que a nossa produção em 53, atingirá um mínimo de 100 películas?

Caso isto venha e se concretizar, antes de mais nada queremos daqui apresentar alguns conselhos (sem alusão ao J. Louzada). E' preciso filmar histórias fáceis, do ponto-de-vista de produção, que por uma singular coincidência são também as histórias agradáveis, do ponto-de-vista do gôsto popular. O povo gosta das histórias simples e humanas, contanto que sejam bem construídas e tratadas com um mínimo de decência técnica. De um outro lado, o povo refuga as histórias preciosas e nobres, como as de «Apassionata», «Presença de Anita», «Pecadora Imaculada». Felizmente para o cinema nacional, o filão das boas histórias, tìpicamente brasileiras, está quase todo por explorar cinematogràficamente.

E' preciso filmar decentemente. A consciência cinematográfica popular desenvolveu-se a olhos vistos nestes últimos anos. Sem um mínimo de decência técnica, um filme não resiste às platéias de hoje em dia.

E' preciso filmar com equipes pequenas. Como está fazendo o mestre Cavalcânti, em Recife, bem como dar oportunidade a gente jovem, entusiasta da sétima-arte em nosso país, principalmente o aproveitamento dos jovens que fazem parte dos clubes de cinema, pois em sua maioria tôdas as pessoas que fazem parte de um cine-clube estão mais ou menos familiarizadas com a teoria do cinema e com alguma prática de filmagem.

E, finalmente, é preciso incrementar a organização dos homens de cinema, superar as vaidades e melindres e trazer corajosamente a debates públicos, todos os problemas vitais ao destino do cinema nacional.

PAULO BRANDÃO

NOSSA CAPA:

Heleninha Costa detesta o Carnaval, mas está obtendo um grande sucesso com uma música carnavalesca, "Barracão". A querida cantora da Nacional está obtendo êxito estrondoso com esta gravação e nas páginas 21, 22, 23 e 24 os leitores poderão apreciar uma interessante reportagem sôbre o êxito de Heleninha. (Foto Alexandre Miranda).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor **Gratuliano Brito** — Assistente **Renato de Alencar**
Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação 22-4447
Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00

"EN RADE"
(em versão brasileira)
O FAMOSO FILME de CAVALCÂNTI "CANTO do MAR"

Reportagem de PAULO BRANDÃO

«O Canto da Sereia» (Aurora Duarte) é o broto sensação, descoberta de Cavalcânti, para o «Canto do Mar»

Atualmente no panorama do cinema brasileiro, a figura mais discutida, defendida e atacada, é, sem sombra de dúvida, o cineasta patrício Alberto Cavalcânti.

Contudo, desde a sua chegada aqui no Brasil há cêrca de 2 anos, Cavalcânti já conseguiu o mais difícil «o de conhecer a fauna completa do nosso cinema». Afinal de contas, êle já viu filmes «proibido para menores», «não bebe água quente», «já asistiu a fitas de Tarzan», enfim, é um homem sabido.

Em um rápido bate-papo, fizemos a clássica pergunta. Como foi que nasceu a idéia do Instituto de Cinema?

— Após uma entrevista com o Presidente Vargas, comecei a estudar com seu apoio, a criação do Instituto Nacional do Cinema. O projeto consta de uma revisão geral das leis de proteção aos produtores, da distribuição equitativa do filme virgem, da conquista do mercado estrangeiro, sobretudo nos países da língua portuguêsa e nos da América Latina. Prevê também o estabelecimento de uma censura artística, com abolição dos atuais moldes policiais; a criação de uma cinemateca e de uma fototeca; a organização de um departamento de planejamento e pesquisas, visando estabelecer as relações entre o capital, representado pelas companhias de produção, de distribuição ou de exibição, e os técnicos por elas empregados, sejam nacionais ou estrangeiros; a defesa dos direitos autorais, agindo como agentes das obras de domínio público, das biografias e dos acontecimentos históricos brasileiros, e finalmente a

Outra figurinha muito importante do filme é Maria Nunes que nesta foto contracena com Cacilda Lanuza





A futura grande atriz do nosso ecran, Margarida Cardoso. Ela nasceu no Território do Acre, e o seu maior desejo é vencer nos corações dos fãs cariocas



Esta cena foi tomada «in real» sem aparatos de direção pois foi tão espontânea que chegou a impressionar Cavalcânti

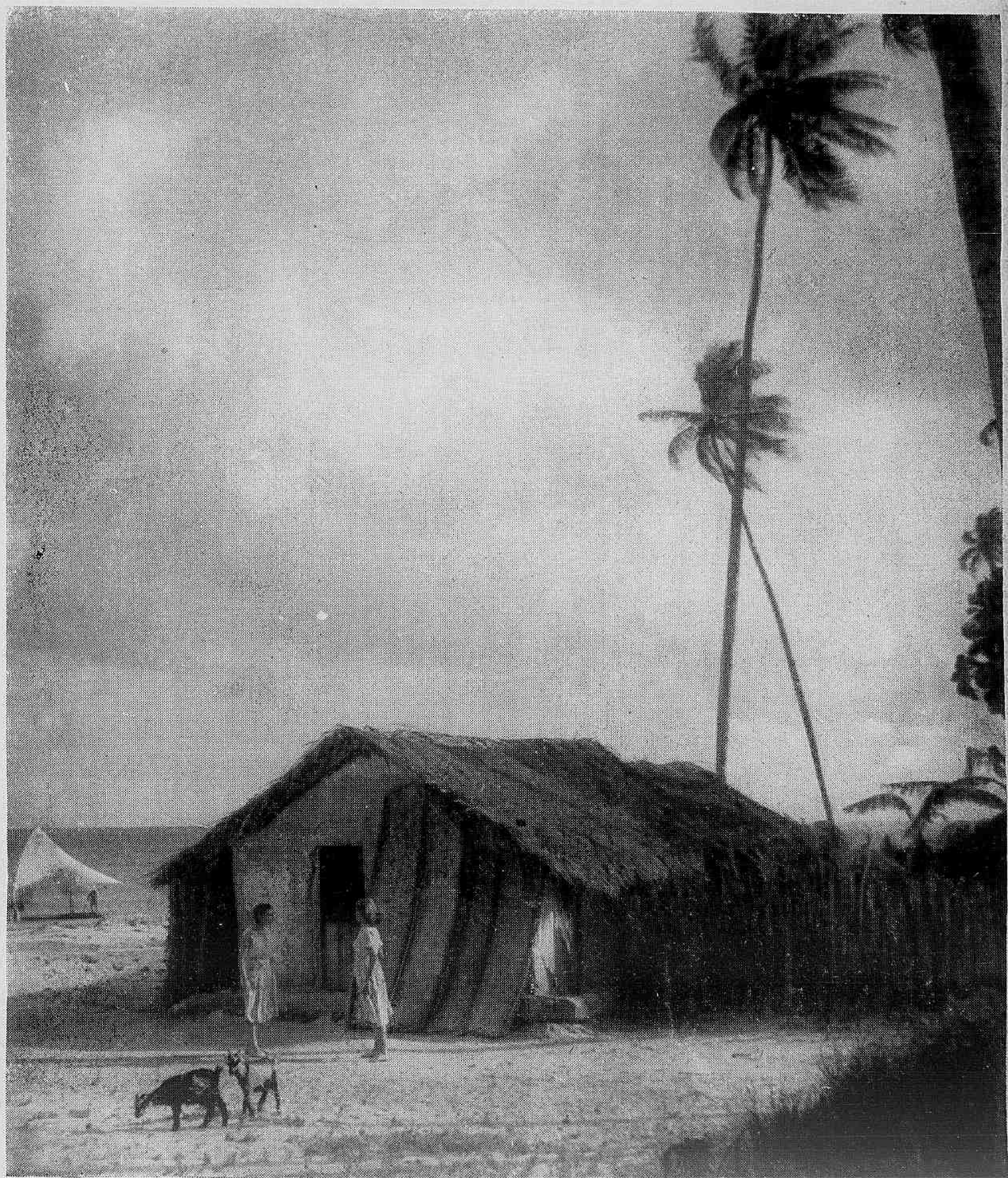
realização de documentos sociais, através dos quais se tentará o levantamento cultural de nossa gente, principalmente do interior, ao mesmo tempo que se estará contribuindo para a formação de técnicos, indispensáveis à nossa indústria.

Assim os nossos leitores poderão, de agora em diante, avaliar melhor o que trata o projeto da criação do Instituto de Cinema.

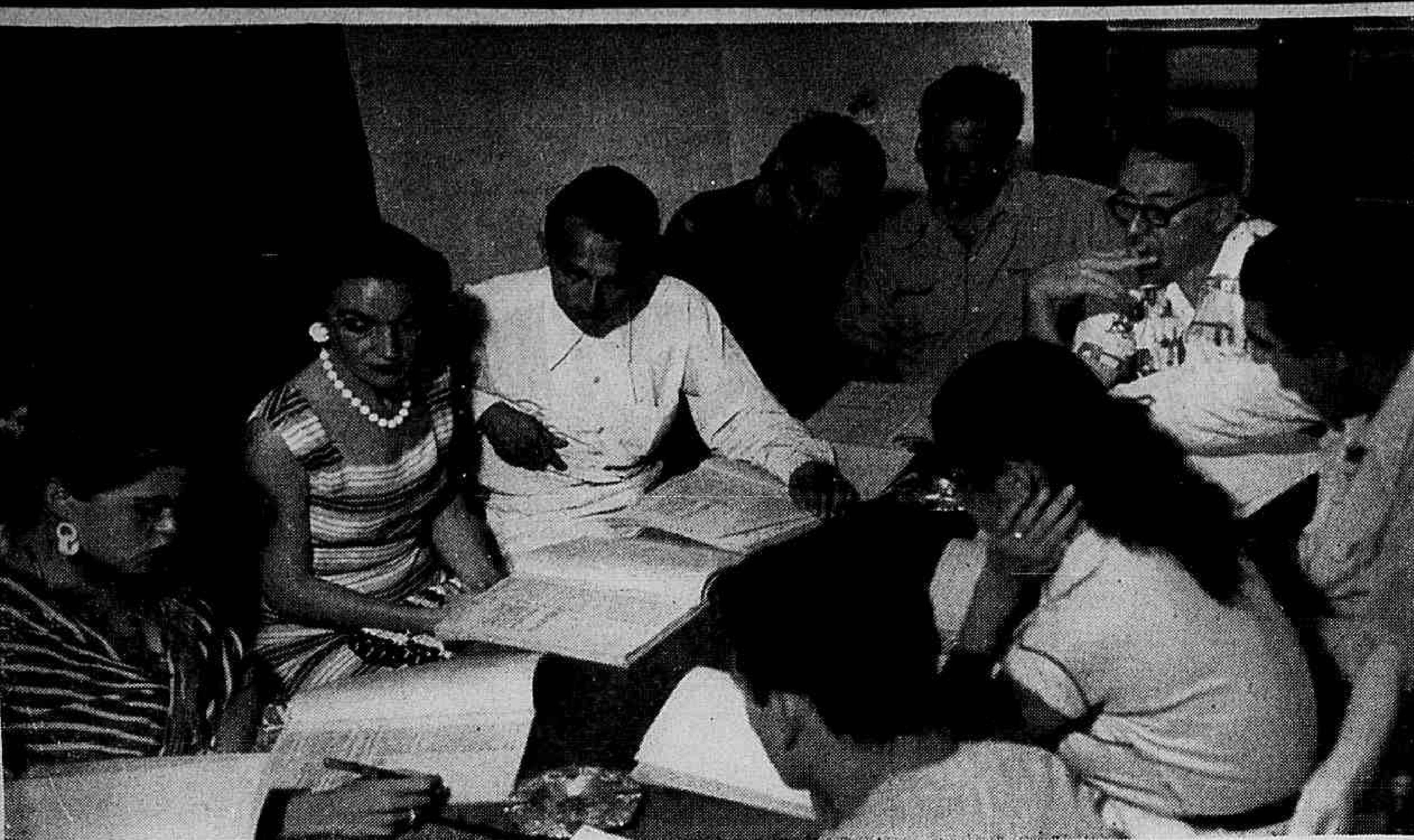
Bem, mas o nosso principal objetivo, é o de saber alguma coisa sôbre o «Canto do Mar».

Perguntou-nos Cavalcânti se já havíamos assistido «En Rade», e prontamente respondemos: «Não, porque nós ainda não temos uma Cinemateca». Êle sorriu e prosseguindo falou que a primeira versão foi feita na Inglaterra em 1928.

Entretanto, devido ao panorama da vida brasileira, èle se viu obrigado a fazer algumas altera-



Uma cena tìpicamente nordestina. Um casebre, palmeiras e uma jangada que vai e não se sabe se volta



Quem assiste um filme não dá conta do trabalho desenvolvido na sua realização. Tudo parece muito simples. Entretanto aqui está porém um aspecto de um intervalo nas filmagens, quando o Quartel General de Cavalcânti, está reunido recebendo instruções

— «Devido a uma irregularidade na obtenção de filmes virgens vimo-nos obrigados a retardar a confecção do mesmo, contudo esperamos terminar definitivamente até fevereiro próximo» — concluiu Cavalcânti.

Assim sendo, teremos ainda êste ano a primeira produção de longa metragem da Kino Filmes do Brasil, que tem à frente o cineasta patrício Alberto Cavalcânti.

O cenógrafo Ricardo Sievers e Alberto Cavalcânti, estudam profundamente os detalhes da estátua da virgem sagrada dos jangadeiros



ções e dilatações quanto ao número de personagens na história Caro redator, não pretendo revelar a trama da história, isto porque eu tenho algo de mais inédito para os seus leitores. Vem de lá.

— «Bem, quero dizer que todo o elenco do «Canto do Mar» é constituído exclusivamente por «amadores» que nunca viram diante de si uma câmara.»

— Quer dizer que estamos diante de um De Sica ou de um Visconti?

— «Outra coisa importante. Neste filme estamos procurando o máximo de cenas exteriores, a fim de que todos os brasileiros possam avaliar a beleza do nosso sertão, bem como dos nossos costumes e nossas coisas.»

— Muito bem, e para quando pretende lançar o filme no mercado?

A tragédia do labor quotidiano dos «Pau de Arara»



ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA



Lima Barreto é o diretor de «O Cangaceiro», uma película violenta e real com Alberto Ruschel e Marisa Prado. Na foto Milton Ribeiro (Capitão Galdino) e Ricardo Campos (Homem Galopado) numa cena dramática dessa grande película da Vera Cruz

"O CANGACEIRO"

Vera Cruz

Comprometido com um tema de envergadura, com uma história que faz parte integrante de um fenômeno da formação social brasileira e preparado para ser a epopéia do cangaço em nossos sertões, "O Cangaceiro", de Lima Barreto, estréia nas telas nacionais como um marco definitivo em nossa indústria fílmica. Para levá-lo a efeito, o seu realizador se entregou a um trabalho de estudo e pesquisas durante quase uma década. Analisou todos os ângulos. Ponderou todos os prós e contras. E meteu-se à ação. Como resultado, conseguiu uma obra de fino lavor pictórico onde o drama do cangaço surge como uma eclosão da própria terra.

"O Cangaceiro" é, antes de tudo, um mural, muito mais que um filme.

Propositalmente, Lima Barreto não se aprofundou numa história para sua obra. Fê-la espontânea, selvagem, rústica, desordenada como costumam ser os fatos provenientes do banditismo com bases em recalques sociais e psicológicos. Sob o ponto de vista do filme que conta uma história com causa e efeito e onde essa história está presente nos mínimos detalhes, "O Cangaceiro" certamente não será um paradigma. Mas, o fato do cangaço está presente de ponta a ponta, independente de uma seqüência histórica ou mesmo de um fio narrativo uniformemente acelerado, se assim podemos nos expressar.

Integrando o elenco, Alberto Ruschell, Marisa Prado, Milton Ribeiro e Vanja Orico comportam-se como artistas experimentados, a despeito da quase incipiente experiência que todos têm.

PROGNÓSTICO — Filme para grande público, no sentido em que terá pontos de inegável atração para platéias de qualquer nível intelectual.

"VIVER E LUTAR"

(The Ring) — United Artists

Mais um melodrama dos que o cinema americano nos envia sôbre campeões de pugilismo, muitas vêzes, realizados com acêrto, como foi o caso de "Tormento da carne", com Tony Curtis. Desta feita, o herói tem uma descendência mexicana, apesar de nascido em Los Angeles. A condição de ser considerado como um alienígena em sua própria cidade natal, deixa Lalo Rios acabrunhado. Durante uma luta em plena rua, Geraldo Mohr, um treinador várias vêzes premiado, descobre que Lalo tem a fibra de campeão e que nasceu para o "ring". Com a ajuda eficiente de seu treinador, Rios progride e se torna conhecido. Consegue tudo o que quer: dinheiro, amigos e principalmente a admiração dos americanos. Tudo isso porém perde o valor diante de seus olhos quando êle observa que sua fôrça muscular era uma coisa transitória e efêmera. Sob essa impressão, êle naturalmente não consegue obter mais o sucesso de dias passados. Com o coração vazio, decepcionado e tristonho, Lalo Rios se crê ainda um homem feliz, porque a despeito de tudo, tem ainda uma noiva que o ama apaixonadamente e tem também a mocidade, combinação essa que, de resto, apaga as mágoas das ambições irrealizadas.

PROGNÓSTICO — Temos aqui um filme com o timbre das produções em série. Costuma dizer-se que o cinema não vive ùnicamente de obras primas e que precisa também satisfazer a seus interêsses comerciais. Se assim é, temos em "Viver e Lutar" um exemplo típico.



Rita Moreno e Lalo Rios em «Viver e Lutar» (The Ring) da United Artists



TELAS DA



SEQUESTRO

(The Wonder Kid)

Não s pode dizer que a falta de intensidade dramática seja o defeito capital dêsse filme. Mas, que isso tenha sido exatamento o que lhe tirou algumas oportunidades de galgar um plano superior, nos parece plenamente verdadeiro. Dizemos que a falta de intensidaed não constitui a maior falta de "Sequestro" porque esta pertence à história que não se decide nem pela exaltação dos dotes musicais de uma criança-prodígio, nem pelo sequestro que parece ser o nervo do filme. Aliás, o sequestro não é bem um sequestro. E' uma fuga.

Sebastian Giro (Bobby Henrey) é um menino excepcionalmente inteligente que, com sete anos de idade, já se evidencia como um pianista de grandes méritos, galvanizando as platéias da Europa. Seu empresário (Elwyn Brook-Jones) é um brutamontes preocupado tão sòmente em auferir altos lucros à custa de Sebastian. Trata-o mais como um algoz que como um empresário que bajulasse seu pupilo para mais fàcilmente dominá-lo. Compadecida da condição humilhante do menino, Miss Frisbie (Murial Aked) articula um rapto, entregando o garôto a um grupo internacional de "gangsters" que se homiziam nas montanhas. Em pouco tempo, Sebastian não só se diverte a valer como se torna querido por todos.

Em síntese, esta é a história de "Sequestro", naturalmente acrescida do epílogo natural que é a volta do menino aos meios musicais, através de uma fuga involuntária das montanhas, obra de Anni (Corista Winter), irmã do chefe da quadrilha.

Em vista geral, o filme — que está cheio de ângulos rebuscados e de preciosismos fotográficos — não é mau. E' apenas comum, com um enrêdo magro que não chega a empolgar em nenhum momento.

Bobby Henrey, que já conhecíamos de "Ídolo caído", nos parece um bom ator, mas uma criança fora de sua idade, com um comportamento só mesmo admitido numa criança-prodígio.

Karl Hartl, na direção, não se arroga a nenhum superlativo. E', portanto, uma coisa bastante modesta o seu trabalho de conduzir a película, de seqüência em seqüência, até um "climax" que, infelizmente, não se realiza . . .

A REVOLTA DOS PELES VERMELHAS

(The Battle of the Apache Pass)

Não estivesse tão desmoralizado o filme que aborda as lutas entre os índios e os pioneiros do Oeste americano, talvez pudéssemos encarar "A revolta dos peles vermelhas" com um certo agrado e alguma surprêsa. Mas o assunto não tem mais o que dar, de tão desbravado que está. Mesmo assim, êsse trabalho de George Sherman consegue manter-se de pé pela justa razão de fugir, tanto quanto possível, ao caráter épico dessas histórias e contá-las em têrmos exatos de um fato verídico. O filme é uma recomposição das personagens Jerônimo e Cochise, e sua atuação no fundo da guerra de conquista que os brancos levaram a efeito contra as populações indígenas do território Apache. Temos aqui um Cochise pintado com as sugestivas côres de um herói positivo, um índio leal e fiel à palavra empenhada, em contraposição com Jerônimo, falso e inadaptável. Como um terceiro elemento, está o branco desconfiado dos dois chefes guerreiros e querendo, à sorrelfa, lançar um contra o outro. Cedo Cochise descobre o plano urdido e se junta a Jerônimo para combater o inimigo comum.

Todo o filme está contado num ritmo entrecortado de violência e romantismo, dosado de tal maneira que as batalhas nunca chegam a empolgar pela ferocidade e nem os momentos de romantismo passam de seus limites naturais.

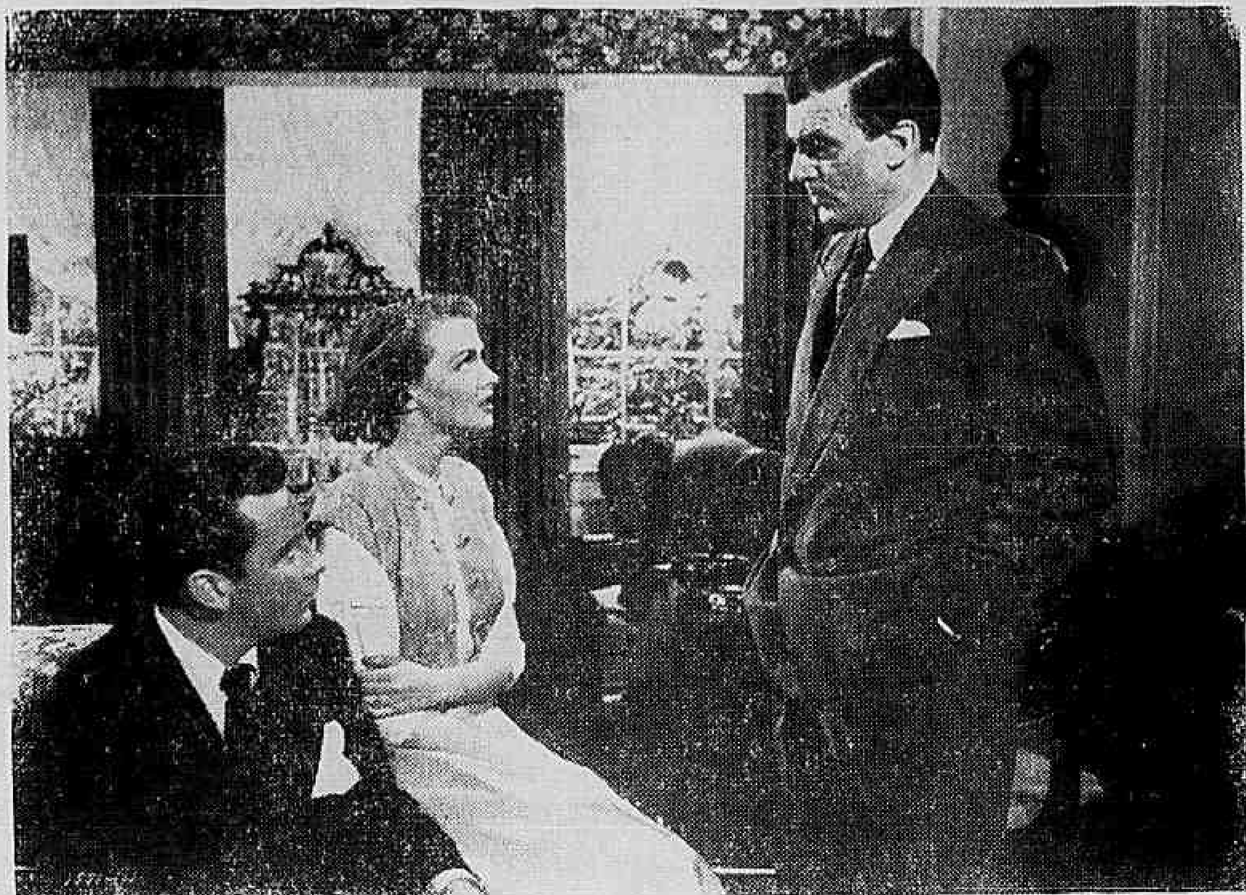
Há a ressaltar em "A revolta dos peles vermelhas" a ausência de unilateralismo, tão freqüente em outros filmes do gênero. Aqui o branco também é mau e traiçoeiro e a própria selvageria de Jerônimo está justificada pela invasão de seu territórie.

Jeff Chandler é Cochise, num desempenho de muita coincidência e Susan Cabot faz a mulher, Nona, numa modéstia confinada ao próprio papel. John Lund e Beverly Tyler, sem maiores oportunidades. Em seu gênero, "A revolta dos peles vermelhas" tem atrativos, em que pesem as repetidas exploraçõs do assunto.



CIDADE

LÍVIO DANTAS





EM NOME do DIREITO

(The Sellout)

Em nome do Direito, vírgula! Em nome de grossa besteira é o que deveria ser êsse filme que vivente nenhum pode aturar sem dizer alguns impropérios para o diretor Gerald Mayer (prazer em conhecê-lo), para o decrépto Walter Pidgeon que já podia cuidar de plantar batatas, para o inofensivo canastrão John Hodiak e para a pobrezinha da Audrey Totter que já parecia tão resignada com a sua condição de secundarista de terceiro plano. Ora, onde se viu tanta bobagem a ser repartida por tanta gente, senhores? Parece que o que a Metro quis fazer foi parodiar, levando ao ridículo aquêle monumento cinematográfico que foi "A hora da vingança" (Deadline U.S.A.), inventando questiúnculas municipais entre um prefeito esquizofrênico e um jornalista já meio "gagá". Tipo acabado da história em quadrinhos, com um desenrolar sonolento, estirando-se num ramerrão de partidas e contra-partidas entre as figuras centrais da história. No final, tudo termina como a gente da tela e da platéia espera, numa pobreza de imaginação que faria corar de vergonha os reis da falta de imaginação do cinema internacional que são os mexicanos . . .

Não fôssem o "Teste Musical" de Pete Smith e o desenho "The Hollywood Bowl", da dupla Tom & Jerry, estaríamos agora lamentando os dez cruzeiros que depositamos, de mão beijada, na caixinha do Metro.

UM DOMINGO de VERÃO

(Domenica d'Agosto)

O autor do argumento de "Um domingo de verão", Sergio Amidei, é o mesmo responsável pela cenografia (?) e assunto de "Roma, cidade aberta". Estamos, portanto, diante de um filme situado bem dentro do discutido neo-realismo italiano.

Não é por questões meramente literárias ou de moda que se discutem hoje as idéias e as formas mestras que norteiam o cinema peninsular. Sólidos fundamentos existem para as controvérsias, pois que há nêle qualquer coisa que está aquém do puro e comum conceito de arte. Em si mesma, a vida humana não é uma obra de arte, como não o é também a natureza animal, vegetal ou mineral. Para que se possa dizer de uma coisa que é uma obra de arte, requer-se que essa coisa saia de si própria e se fixe numa expressão estética, seja uma vida, um fato, um fenômeno ou simplesmente uma coisa. Ora, o chamado neo-realismo italiano não se dá a êsse trabalho, apresentando em seus filmes não uma *informação* estética da vida, mas a sua transposição pura, simples e brutal para o celulóide, em têrmos de luz e de som. Sob esta observação, o que êle nos tem apresentado não passa de flagrantes da realidade italiana analisados *in-vitro*, por conseguinte, friamente, impassìvelmente e não raro perversamente, faltando-lhes o espírito que preside a tôda e qualquer manifestação artística, que uma emoção de estesia.

Muito mais que "Roma, cidade aberta", "Um domingo de verão" é um perfeito protótipo dessa tendência que não acreditamos chegue jamais a se cristalizar num estilo. Aqui não há unidade de enrêdo. Há fragmentos da vida de diferentes pessoas, durante as doze horas de um domingo de sol nas cercanias de Roma. De resto, o que a câmara focaliza, com uma sôfrega preocupação de tudo açambarcar em extensão e intensidade, são as alegrias, as decepções e a indiferença dessas pessoas que *vivem* um domingo na capital italiana, como vivemos nós um domingo em Copacabana, em Mangaratiba ou no Saco de São Francisco. No fundo, não constitui novidade saber-se que, não sòmente aos domingos, mas diàriamente todos temos os nossos problemas terra-aterra e se isso é para tôda gente uma coisa corriqueira, no cinema italiano é objeto de cinema.

Sente-se que nada foi preconcebido, nesse filme em que Luciano Emmer tira seu diploma na escola de Rosselini e de De Sica, inclusive as próprias falam que variam do tom mais trivial ao quase retórico, como é tão peculiar do povo itálico.

Quanto aos intérpretes . . . bem os intérpretes são o que são. Acaso, o filme não é neo-realista?





Eliane Lage e Ester Fernandes numa cena de «Sinhá Moça»

ATRÁS das CAMERAS

Por Mr. TAKE

Franco Zampari da Vera Cruz, quando soube que Civelli, tinha passado sua frente, em realizar o primeiro colorido brasileiro, êle tratou logo de não ficar para traz e, a Vera Cruz já anuncia uma superprodução de 9 filmes coloridos. O primeiro da série será "Um Cow Bow Americano no Brasil", com Glenn Ford e Tônia Carrero.

★

Por falar em Zampari, temos a informar que êle e o Lima Barreto "Cangaceiro" não estão se entendendo a lou-Dizem que o motivo prende-se a loucura do Lima, em querer capital para realizar "Sertões", de Euclides da Cunha.

★

Lulu de Barros fêz um apêlo a todos o criticos de cinema do país, que remetam-lhe argumentos, especialmente escritos para cinema, a fim de que possa selecionar o melhor, pois será assim o segundo filme da Castelo Filmes. Será que o Lulu perdeu a imaginação? ou pretende êle prestar uma homenagem a honrada classe de cronistas cinematográficos?

★

E a Companhia Americana de Filmes "FALIU" espetacularmente. Pudera, pois Léo Marten andava por lá.

★

No Beco do Inferno, andavam dizendo na semana passada, que Watson Macedo era o Diretor dos Milhões. Mas acontece que nesta semana o panorama já é outro. Dizem os diabinhos, que o Watson era o Diretor dos Milhões, porque êle tinha em suas mãos Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, mas que agora com Heloisa Helena, Bené Nunes êle vai passar a ser o "Diretor dos Tostões".

★

Coisas que ainda incomodam o cinema brasileiro. A Confederação das Familias Cristãs de São Paulo ia fazendo um bruto "Veneno" entre a Vera Cruz e o Banco do Estado de São Paulo. Motivo: A supracitada Confederação, condenou Leonora Amar e Anselmo Duarte.

★

E a profecia de Paulo Brandão deu certo. — Pois êle dizia que o cinema brasileiro estava perdendo tempo em não contratar Cacilda Becker. Para sua alegria, fomos informados que a Vera Cruz (o bicho papão de São Paulo) fêz um excelente contrato para Cacilda trabalhar num filme, cujo argumento é de Dinah Silveira.

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

A Kino Filmes do Brasil S. A. adquiriu os estúdios da Cia. Cinematográfica Maristela, de São Paulo. Dentre as produções assinaladas no calendário de Cavalcânti, encontra-se "Anchieta" que será interpretada por Sérgio Cardoso (a descoberta de Paschoal Carlos Magno para Hamlet).

★

"O Destino em Apuros", é o titulo do novo celulóide nacional que será rodado todo em tecnicolor. Paulo Autram, Armando Couto e mais a beldade, chamada Beatriz Consuelo. A direção está a cargo de Armando Miranda, produção de Mário Civelli para a Multifilmes, que assim faz sua estréia com o primeiro filme colorido brasileiro.

★

John Waterhouse vai dirigir para a Musa Filmes S. A. São Paulo, "Nega Fulô" cujo argumento é de autoria de Cavalheiro Lima e Edi Costa Lima.

★

100 milhões de cruzeiros foi o movimento bruto, de bilheteria sòmente com filmes brasileiros, durante o ano de 1952. Snrs. capitalistas o cinema nacional aguarda vossa visita.

★

Para o Festival de Cannes dêste ano, cogita-se na remessa de 2 filmes brasileiros, são êles "Simão, o Caolho" e "Cangaceiros" e caso o sr. Humberto Mauro permita, será exibido "hors concours" o trecho do sonho de "Canto da Saudade".

★

O Govêrno não vê conveniência em excluir do âmbito do futuro Instituto Nacional do Cinema, o atual Instituto Nacional do Cinema Educativo, cujas finalidades e atividades de reconhecido mérito não cogita alterar. Acresce que o I.N.C. também ficará sob a jurisdição do Ministério da Educação e Saúde.

★

Novas produtoras de filmes fundadas recentemente no Brasil: Emprêsa Cinematográfica Riviera Ltda., S. Paulo. — Taurus Cinematográfica S. A., Rio de Janeiro, e, finalmente, a Cinematográfica Mascote Ltda., que tem a sua frente o sr. Irineu de Macedo Soares, que viveu 10 anos em Hollywood, como comentarista de Fox Movietone.

★

O aumento pleiteado nos ingressos de cinema, em São Paulo, está vivendo os seus últimos dias. Esta, é realmente uma noticia boa para os espectadores cariocas que já andavam preocupados.

★

Alerta fãs. Quando realizar-se no Brasil o I Festival Internacional de Cinema, teremos as seguintes personalidades (caso não venha a falecer nenhum dos presentes nesta lista, até setembro de 1954). Ivone de Carlo, Esther Williams, Gene Kelly, Jane Russell, Errol Flynn, Lana Turner, Van Johnson, Loreta Young, Jean Simmons e Steward Granger, Cyd Charisse, Edward G. Robinson, Linda Darnell, Red Skelton, Rita Hayworth, Joan Crawford, Allan Ladd, Heddy Lamarr, Jane Greer, Tyrone Power, Norma Shearer, Bob Hope, Jeanne Crain, Bing Crosby, Greer Garson, Gary Cooper, Ann Miller, Jeff Chandler e a nossa Carmen Miranda

A dupla romântica de «E' Fogo na Roupa»: Bené Nunes e Adelaide Chiozzo



CINE-ROMANCE

MESSALINA E O BOMBEIRO

(I POMPIERE DI VIGGIÚ)

Com: NINO TARANTO — TOTÓ — WANDA OSIRIS — CARLO DAPPORTO — Isa Barzizza — Mario Castellani — Ariodante Dalla — Laura Gore — Ricky Denver — Geo Dorlis — Harry Feist — Elena Giusti — Miriam Glori- — A dupla Leho e Mane — Guido Morris — Rosetta Pedrani — Mario Riva — Adriana Serra — Enzo Turco e ainda CARLO CAMPANINI — SILVANA PAMPANINI — AVE NINCHI — DANTE MAGGIO — UGHETTO BERTUCCI — FRITZ MARLAT — Alfredo Rizzo — Leopoldo Valentini — Augusto Caverzasio — DOLORES PALUMBO — ERNESTO ALMIRANTE.

Direção de: MARIO MATTOLI



Na pequena aldeia de Viggiú, há um corpo de bombeiros composto de briosos e entusiasmados voluntários, comandados pelo "brigadieri" Campanini, ex-vigilante do fogo. Mas, por uma fatal artimanha do destino, em Viggiú, não há incêndio, não se tem lembrança de nenhum sinistro. Na sua estranha melancolia pela falta de contato com o fogo e pela impossibilidade de demonstrar os seus conhecimentos e sua energia, o velho bombeiro Campanini se contenta em descrever titânicas lutas com as chamas, salvamentos miraculosos. Fala de noites tenebrosas passadas ante as chamas devoradoras em incêndios famosos, termina sua história dizendo: Rapazes, na cidade, nem todos os dias se pode assistir um entêrro, mas tôdas as noites pode-se ver as pernas das bailarinas. Aliás, foi esta inclinação de Campanini pelas bailarinas que obrigou sua espôsa ciumenta a conseguir a transferência da família para Viggiú. Entretanto Campanini segue pelos jornais as noticias sôbre o teatro. Um dia ao abrir o matutino, êle se excita, se acalora. Emocionado, reúne os bombeiros e comunica que deve partir imediatamente. Depois





das recomendações e de exortá-los a permanecerem a postos para qualquer eventualidade e não dizerem nada a sua espôsa, salta sôbre a motocicleta e dirige-se para a cidade. Os bombeiros ficam perplexos com a súbita resolução do chefe. Um dêles, apanha o jornal e lê: Um dos maiores sucessos da noite foi arrebatado pelo cômico Dapporto com uma suculenta paródia da já célebre canção "Os Bombeiros de Viggiù". Não restava dúvida. O brigadieri havia partido para vingar-se da difamação contra o incauto artista que teria pôsto em ridículo o seu brioso Corpo de Soldados do Fogo. Mas os bombeiros não podem permitir que o seu chefe afronte sòzinho o perigo e resolvem partir também. Como não possuem automóvel usam uma pequena viatura-bomba. Entretanto não foram todos, o mais estúpido dêles ficou, justamente o que está enamorado da filha de Campanini e deve ficar de guarda na caserna. Mas o destino continua tramando em silêncio, pois justamente naquela noite declara-se um pequeno incêndio na própria residência do Chefe dos Bombeiros. A espôsa do "brigadieri" se sente feliz por poder proporcionar um sinistro ao seu marido e corre à caserna. Lá ela sabe que todos os bombeiros partiram para Milão. Acreditando que seu marido houvesse partido para a cidade a fim de apreciar as bailarinas, põe-se no seu encalço. O espetáculo daquela noite será a revista das revistas; na ordem de entrada em cena aparecem Totó, Taranto, Dapporto, Wanda Osiris, todos os figurantes e bailarinas do teatro de revista italiano. Campanini, graças ao seu fardamento logra entrar no palco cênico; enquanto se agita e prepara os seus planos de ação, os quadros mais famosos e engraçados vão aparecendo em cena. Quando chegam seus homens para dar-lhe mão forte, Campanini revela o seu segrêdo: não veio para punir Dapporto, mas porque lêra no jornal que entre as sobretes da revista estava sua filha. Chega também sua espôsa com o namorado estúpido. Enquanto sucedem os equívocos sôbre equívocos, na cena, triunfa a revista com uma coleção de garôtas em trajes sucintos. Campanini, sua espôsa e seus homens retêm a filha desobediente e Dapporto obtém um novo sucesso com a paródia "Os Bombeiros de Viggiù". Antes que o grupo se enraivecesse Totó dirige as bailarinas a um ruidoso final.





Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Marlon Brando, que fêz o papel de um polonês em "Uma Rua Chamada Pecado", de um mexicano em "Viva Zapata" e de um romano em "Júlio César", será o protagonista de "O Egipcio". Humoristicamente, Brando diz que espera antes de morrer fazer o papel de um norte-americano.

★

Foi entregue a Barbara Stanwick o papel central de "Circle of Fire" que antes estava reservado para a "reentrée" de Mary Pickford. A veterana estrêla recusou êsse papel em virtude de as filmagens serem em tecnicolor.

★

Bob Hope continuará com suas aventuras do "Paleface" na pelicula "Son of the Son of Paleface".

★

Susan Hayward será a "The President's Lady", na pelicula que contará a história da espôsa do presidente Andrew Jackson, que governou os Estados Unidos no século passado.

★

Donna Reed e John Wayne figuram à testa do elenco de "Alma Mater", o set é dirigido por Michael Curtis. Nesse filme, Charles Coburn faz a parte de um padre.

★

Encontra-se em Hollywood a estrêla número um do cinema hindu, Llama Narguis. A atriz cobra cem mil dólares por pelicula, tem vinte e três anos e afirma que em seu pais funcionam cinquenta estúdios, sendo de seis milhões a média de espectadores diários

★

Parece que Ingrid Bergman firmou um armisticio com Hollywood. Dizem que ela vai interpretar uma pelicula para um estúdio americano, tendo Marlon Brando como companheiro. Os exteriores seriam rodados na Itália e Rosselini figuraria como co-produtor.

★

Passou definitivamente a moda das ruivas no cinema americano. Hoje, contam-se pelos dedos as "platine blonde" de Hollywood, como Jan Sterling e Vivian Blaine.

★

O jornalista brasileiro Luis Serrano está ensinando a Lana Turner algumas frases em português, para que a bela estrêla as diga no filme "Latin Lovers". Ricardo Montalban será o "amante" brasileiro do filme.



Peter Lorre? Não, apenas Dick Wesson, um novo ator da Warner, que apareceu em «About Face», com Gordon MacRae e «The Man Behind the Gun», com Randolph Scott

ÁUSTRIA

Uma sociedade cinematográfica vienense prepara uma pelicula que terá o titulo provisório de "Seravejo". A direção está a cargo de Robert Siodmak.

INGLATERRA

J. Arthur Rank, o magnata do cinema inglês, declarou que não teme a concorrência da televisão. Suas emprêsas ganharam no ano de 1952 o dôbro de 1951. Só nos cinemas que seu grupo controla, conseguiu um lucro de 465.000 libras contra 268.000 do ano anterior.

★

A "première" de "24 horas na vidade de uma Mulher", no cinema Empire, de Londres, contou com a presença de várias realezas entre as quais o principe Nicolas da Ingoslávia e a Duquesa de Kent. Merle Oberon e Richard Todd apareceram no palco para cumprimentar os presentes.

FRANÇA

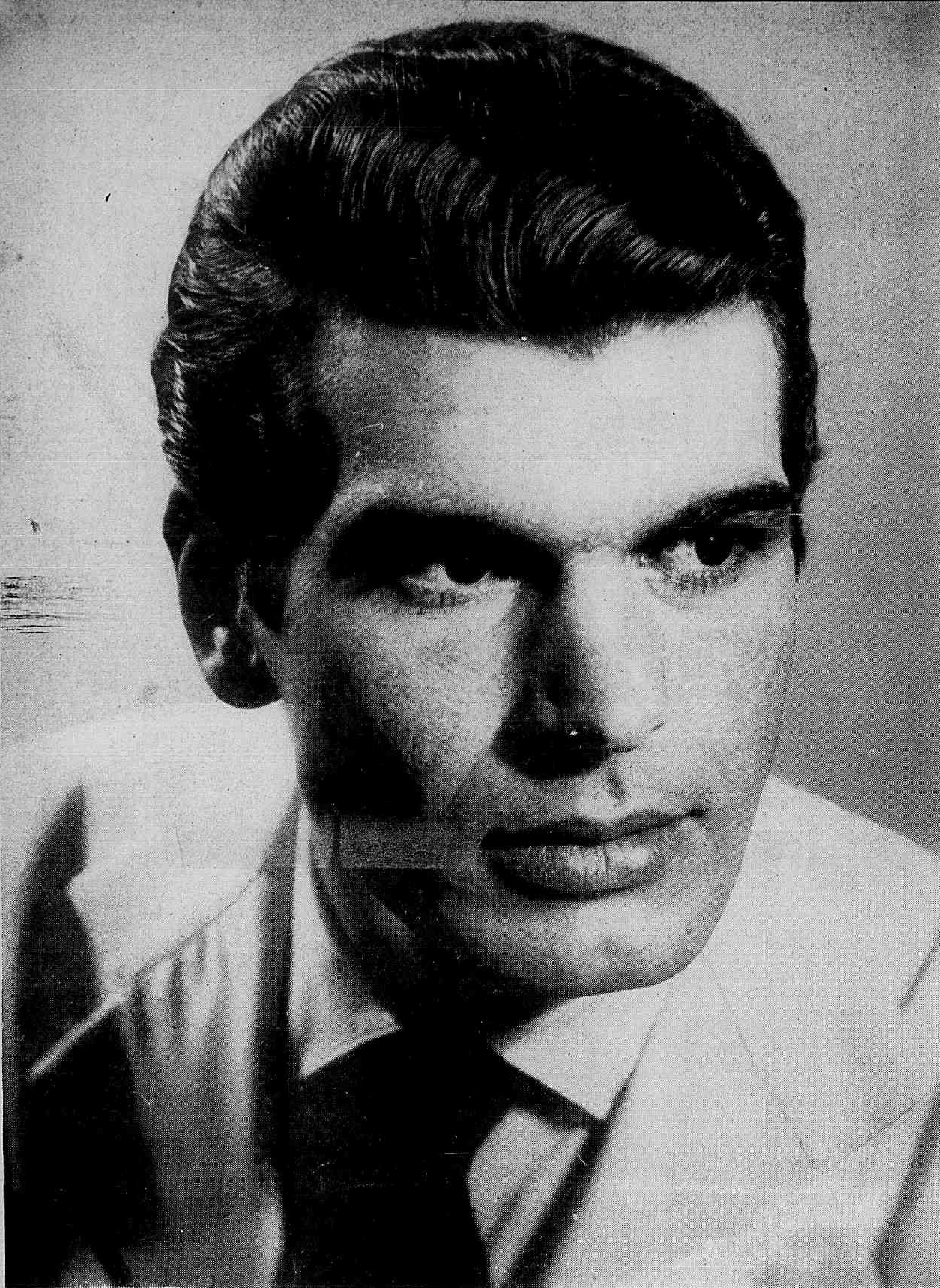
Depois do retumbante êxito que alcançou no filme "Luzes da Cidade", de Charles Chaplin, a bailarina Claire Bloom está fazendo nos estúdios franceses "Les Innocents de Paris", com Claude Dauphin.

★

A estrêla americana Gene Tierney é vista freqüentemente, em Paris, em companhia do principe Aly Khan. Enquanto o potentado indiano se diverte com La Tierney, Rita Hayworth consegue, em dezessete minutos, o seu tão almejado divórcio...



Eleitos os artistas que mais cooperaram com a imprensa em 1952, o jovem casal Tony Custis e Janet Leigh tenta morder a «maçã de ouro» que lhes ofereceu o «Hollywood Women's Press Club». As maçãs das cestas, porém, não são de ouro: «apenas» as verdadeiras frutas



Alguém nos estúdios da Flama prognosticou acertadamente sôbre a carreira dêsse jovem gaúcho no cinema: será um dos melhores atores dramáticos da nova geração do Cinema Brasileiro. E para quem o vir no filme «Agulha no Palheiro», isto será endossado da melhor forma.

Ermes Bataglin, que já trocou êsse sobrenome «Bataglin» do prenome Roberto, — agora chama-se Roberto Batalin, que é bem mais fácil do público pronunciar — tem vinte e seis anos. Nasceu êle na cidade de São Vicente (hoje General Vargas), no longínquo Estado do Rio Grande do Sul, bem pertinho da fronteira com a Argentina. Ali se criou, até à idade de doze anos, e cursou seus estudos ginasiais na cidade de Santa Maria. Aos dezenove anos seguiu rumo a Pôrto Alegre, onde chegou a prestar serviço militar obrigatório à Fôrça Aérea Brasileira durante a guerra, de 1946 a 1948. Sua saída da FAB levou-o a associar-se com um amigo num complicadíssimo negócio de compra e reforma de pianos. Acontece que Batalin só fazia comprar os pianos... o seu amigo é que os consertava direitinho! Vida de muitas aventuras, e também de muitas privações, foi a que Roberto Batalin conheceu quando se tornou caixeiro-viajante de uma grande companhia de capitalização e seguros. Mas também foi uma ótima oportunidade para que êle conhecesse de ponta a ponta o seu Estado natal.

No cinema, a carreira do nosso biografado começou acidentalmente. Batalin nessa ocasião conhecia o pai do diretor cinematográfico Salomão Scliar, cuja família é das maiores nos pampas. Batalin já andava francamente saturado daquela vidinha de caixeiro-viajante e foi como um presente do céu a oportunidade que se lhe deparou na emprêsa «Horizontes, Produções Cinematográficas», para interpretar um dos primeiros papéis do filme «Vento Norte». E êsse fato teve origem quando o galã daquele filme, o gaúcho Alberto Ruschel (que já integrou o bando dos «Quitandinha Serenaders» e é hoje um dos primeiros artistas da Vera-Cruz) desertou dos negócios do cinema. Amigo da família Scliar como era, o nome de Batalin foi logo lembrado para substituir Alberto Ruschel. Feito «Vento Norte» é que Roberto Batalin teve a oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro, quando aqui vieram fazer os trabalhos de «dublagem» e laboratório. Na Cidade Maravilhosa, o intérprete de «Agulha no Palheiro» ficou durante quatro meses. Voltando ao Rio Grande do Sul, Batalin ali ficou por conta da «Horizontes, Produções Cinematográficas», de 1950 a 1951, quando então a emprêsa foi dissolvida. Em dezembro de 1951, Roberto Batalin voltava ao Rio de Janeiro, desta vez por conta própria e em busca do que, aqui, o cinema poderia lhe oferecer de mais vantajoso e oportuno. E êsse dia chegou, quando Alex Viany estava ainda escrevendo a história do filme «Agulha no Palheiro». Tendo conhecido Batalin quando também trabalhava ao lado dos Scliar, no Rio Grande do Sul, Alex considerou ideal o tipo de nosso biografado para viver o «Eduardo», motorneiro de bonde, em «Agulha no Palheiro». Firmou-se aí o futuro de Roberto Batalin no Cinema Brasileiro. E quem o conhece pessoalmente, fica sabedor da existência de um rapaz simples, lutador, ambicioso, e que, além de possuir rápida maneira de se tornar simpático logo à primeira vista, caminha para a longa estrada que o estrelato tão vantajosamente oferece aos que militam no cinema.

VIDA DE ARTISTA

O AVIADOR ROBERTO BATALIN CANSOU-SE de COMPRAR PIANOS

Até hoje Judy Garland ainda não se recobrou inteiramente do ataque de nervos que a acometeu logo após a morte de sua mãe, que foi encontrada já sem vida no pátio da companhia de aviões em que trabalhava. Judy e a sra. Ethel Gilmore não mantinham mais relações pessoais, devido a desentendimentos quanto à carreira cinematográfica da antiga companheira de Mickey Rooney, que culpava a mãe pelo seu declínio e frustrações com a mesma.

★

Marilyn Monroe começou ganhando cento e cinqüenta dólares por semana na Fox. Atualmente, percebe um salário de setecentos e cinqüenta, mas, até o fim do ano, atingirá, gradativamente, a soma de cinco mil, conforme estipula o seu contrato. No entanto, a mais fantástica soma de dinheiro, a loura "atômica" verá em Las Vegas no próximo mês de março, quando o hotel-cassino "Sands" do "Monte Carlo Americano" lhe pagará quinze mil dólares semanais para cantar em dois "shows" noturnos!

★

Suzanne Holman, filha de Vivien Leigh, fêz a sua estréia como atriz em Londres, enquanto que Maria Riva (atualmente na televisão) recusou um contrato cinematográfico em Hollywood porque queriam que ela fizesse o mesmo tipo do papel que deu fama à sua "glamourosa" mãe, Marlene Dietrich.

★

1953 será o ano da separação de Van Johnson com a Metro. Êle não se sente satisfeito com os papéis que o estúdio lhe tem dado e a Metro, por sua vez, está desapontada com o declínio da popularidade do loiro galã "das sardas"...

★

Comentário de Bob Hope sôbre um casal que estava jantando no "Mocambo": "Êles estão celebrando as suas bodas-de-prata, pois hoje faz 25 anos que se divorciaram"...

★

A cantora Peggy Lee, que estreou no cinema como "estrêla" da nova versão de "O Cantor do Jazz", com Danny Thomas, contraiu núpcias com o ator Brad Dexter, indo passar a lua de mel em Washington, a fim de assistir à



Durante a fabulosa festa que foi oferecida a Adolph Zukor, Paul Douglas e sua espôsa Jan Sterling posam para a objetiva em companhia de George Weltner, presidente da Divisão Internacional da Paramount. E' esta a primeira aparição de Jan em público, desde que fêz a operação plástica no nariz. «Melhorou muito», hein?...

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

posse do novo Presidente, General Eisenhower.

★

No dia em que o veterano Adolph Zukor completou 80 anos de idade e 50 de atividades cinematográficas foi-lhe oferecida uma fabulosa festa no "Paladium" (o maior salão de danças da Califórnia), à qual compareceram 90 convidados, na sua maioria celebridades de Hollywood. Rouben Mamoulian dirigiu e Bob Hope apresentou um "show" de três horas no qual tomaram parte artistas do presente e do passado, como: Nelson Eddy, Rosemary Clooney, Jane Powell, Martin & Lewis, Howard Keel, Marge e Gower Champion, Mae Murray, Hopalong Cassidy (William Boyd), Mary Pickford e Lionel Barrymore. No dia seguinte, o simpático produtor e fundador da Paramount foi convidado a gravar suas mãos e pés no histórico cimento do "Chinese Theatre", ao lado das "estrêlas" que êle mesmo "descobriu".

★

Dan Dailey ia se casar com Betsy Wynn — ex-espôsa do cômico Keenan Wynn — mas, à última hora, parece que se arrependeu, pois voltou aos braços da atriz inglêsa Constance Smith.

★

Quase às vésperas da sua exibição no "Chinese" e em tôda a cadeia dos "Fox West Coast Theatres", o último filme de Carlitos, "Limelight" (Luzes da Ribalta) teve o seu lançamento concelado pela emprêsa, devido à pressão da "Motion Picture Alliance", organização anti-comunista da colônia cinematográfica. No lugar de "Limelight" será exibido "Niagara", com Marilyn Monroe e Joseph Cotten.

★

Will Rogers Jr. voltou esta semana aos estúdios da Warner, a fim de interpretar novamente o seu famoso pai numa sequência de quadros da "Ziegfeld Follies" para o filme "The Eddie Cantor Story", que Keefe Brasselle está fazendo nos estúdios de Burbank.

★

Os dois pedidos de divórcio que deixaram Hollywood tôda triste: Anne Baxter — John Hodiak e Diana Lynn

(Cont. na pág. 34)



Louis Jourdan, que está fazendo grande sucesso com o «Casanova» que interpreta em «Amor, Sempre o Amor», com Charles Boyer e Linda Christian, na vida real é um bom chefe de família. Ei-lo, com Louis Jr. e sua espôsa, Berte



CINE-ROMANCE

ODISSÉIA DE UM INVENTOR

(THE MAN IN THE WHITE SUIT) Guia cinematográfico de Roger Mac Dougal, John Dighton e Alexander Mackendrick — Uma produção de Michael Balcon — Dirigida por Alexander Mackendrick — Um filme dos Estúdios Ealing — Distribuido pela Universal-International — Produtor adjunto, Sidney Cole — Superintendente de produção, Hal Mason — Diretor de fotografia, Douglas Slocombe — Editor gráfico, Bernard Griblle — Gerente de produção, I. C. Rudkin — Engenheiro de som, Stephen Dalby — Fotógrafo, Jeff Seaholme — Diretor adjunto, David Peers — Gravação de som, Artur Bradburn — Música de Benjamin Frankel, interpretada pela Orquestro Filarmónica — Dirigida por Ernest Irving. ELENCO: Sidney Stratton, *Alec Guinness* — Daphne Birnley, *Joan Greenwood* — Alan Birnley, *Cecil Parker* — Michael Corland, *Michael Gough* — Sir John Kieriaw, *Ernest Thesiger* — Cranford, *Howard Marion Crawford* — Hoskins, *Henry Mollison* — Bertha, *Vida Hope* — Frank, *Patric Doonan* — Harry, *Duncan Lamont* — A sra. Watson, *Edie Martin* — Knudsen, *Olaf Olsen* — Mannering, *Desmond Roberts* — Primeiro diretor industrial, *Charles Cullum* — Segundo diretor industrial, *F. B. J. Shap* — A enfermeira, *Judith Furse*

Michael Corland (Michael Gough) um fabricante de tecidos que procura a ajuda econômica de seu colega Alan Birnley (Joan Greenwood). Em sua inspeção, os visitantes descobrem no laboratório de investigações um aparelho químico que pela sua forma estranha e complicada chama muito a sua atenção. Quando Birnley pergunta para que serve, ninguém é capaz de dar-lhe uma explicação. Segundo parece nenhum dos que trabalham no laboratório tem alguma coisa a ver com a

Alec Guinnes, astro principal de «Odisséia de um Inventor»



A jovem interessada na experiência, consegue que seu pai permita que Stratton prossiga oficialmente suas investigações. Como em tôda grande descoberta existem fracassos, traduzidos em sonoras explosões, mas fazendo alarde de valor e de dedicação, o jovem químico encontra a fibra sintética de seus sonhos. Imediatamente se fazem planos para fabricá-la em grande escala



Êste, que é formado em ciências químicas pela Universidade de Cambridge, é pôsto na rua a pontapé. Pouco depois consegue colocar-se como vigia na fábrica de Birnley e ali prossegue clandestinamente suas experiências em busca de uma fibra textil indestrutível e imanchável. Certo dia Daphne o descobre e êle então lhe expõe seus ambiciosos projetos e lhe pede que o ajude

Mas não são sòmente os patrões que se opõem à produção de roupas que não se rasguem nem manchem. Os operários, em vez de acolherem o descobrimento como um benefício para a humanidade suspeitam que tudo não passa de uma manobra dos industriais para suprimir, pessoal e vão à fábrica dispostos a tudo. Até a mesma Bertha (Vida Hope), que antes amara em segrêdo o inventor, se volta contra êle



montagem do aparelho. Finalmente averigua-se que quem anda fazendo experiências com êle é Sidney Stratton (Alec Guinness), um rapaz que faz a limpeza e que, inexplicàvelmente, conseguiu introduzir-se no laboratório à procura de uma fibra textil, sintética, indestrutível e imanchável.

O escândalo é enorme e Stratton, apesar de ter um brilhante passado como químico na Universidade de Cambridge, é pôsto à pontapés na rua. Pouco tempo depois, o investigador clandestino consegue um emprêgo de vigia na fábrica de Birnley. Também aqui graças a uma feliz circunstância, consegue entrar no laboratório e continuar suas experiências interrompidas. Bertha (Vida Hope), uma operária da fábrica se enamora dêle e êle consegue alojamento na pensão onde ela vive.

Certo dia em que Stratton estava trabalhando em seu aparelho, é descoberto por Daphne, que imediatamente o identifica como o empregado causador do escândalo na Fábrica Corland. Stratton com a veemência própria de um inventor apaixonado, lhe expõe suas teorias e o estado de suas experiências e lhe pede que o ajude em seus trabalhos em benefício da humanidade.

Finalmente Stratton, consegue produzir a fibra desejada. Daphne, contagiada pelo entusiasmo convence seu pai que lhe permita continuar seus trabalhos oficialmente. Como em tôda grande invenção, esta tem seus fracassos e revezes traduzidos neste caso em sonoras explosões que abalam os alicerces da fábrica, mas fazendo alarde de valor e dedicação Stratton obtém a fórmula prática para a fabricação em grande escala da maravilhosa fibra indestrutível e imanchável.

O passo seguinte é ter as fibras e confeccionar um traje. Depois de submeter êste às mais duras provas, são feitos os prerativos para convidarem a imprensa com o propósito de divulgar o inventor. Apesar disso, quando os demais fabricantes são informados, se opõem com tôdas as suas fôrças alegando que se aquela fibra indestrutível fôr produzida, as fábricas terão que fechar e será a ruina de todos. A notícia que tinha sido mantida em maior segrêdo, se espalha e provoca um pânico na bôlsa que baixa imediatamente as ações têxteis. Os fabricantes com seu décano e homem influente Sir John Kierlaw (Ernest Thesiger) à frente, visitam Birnley e o convencem para que desista de seus planos. Chamam Stratton e tentam comprar-lhe seu invento para condená-lo ao esquecimento, mas êste

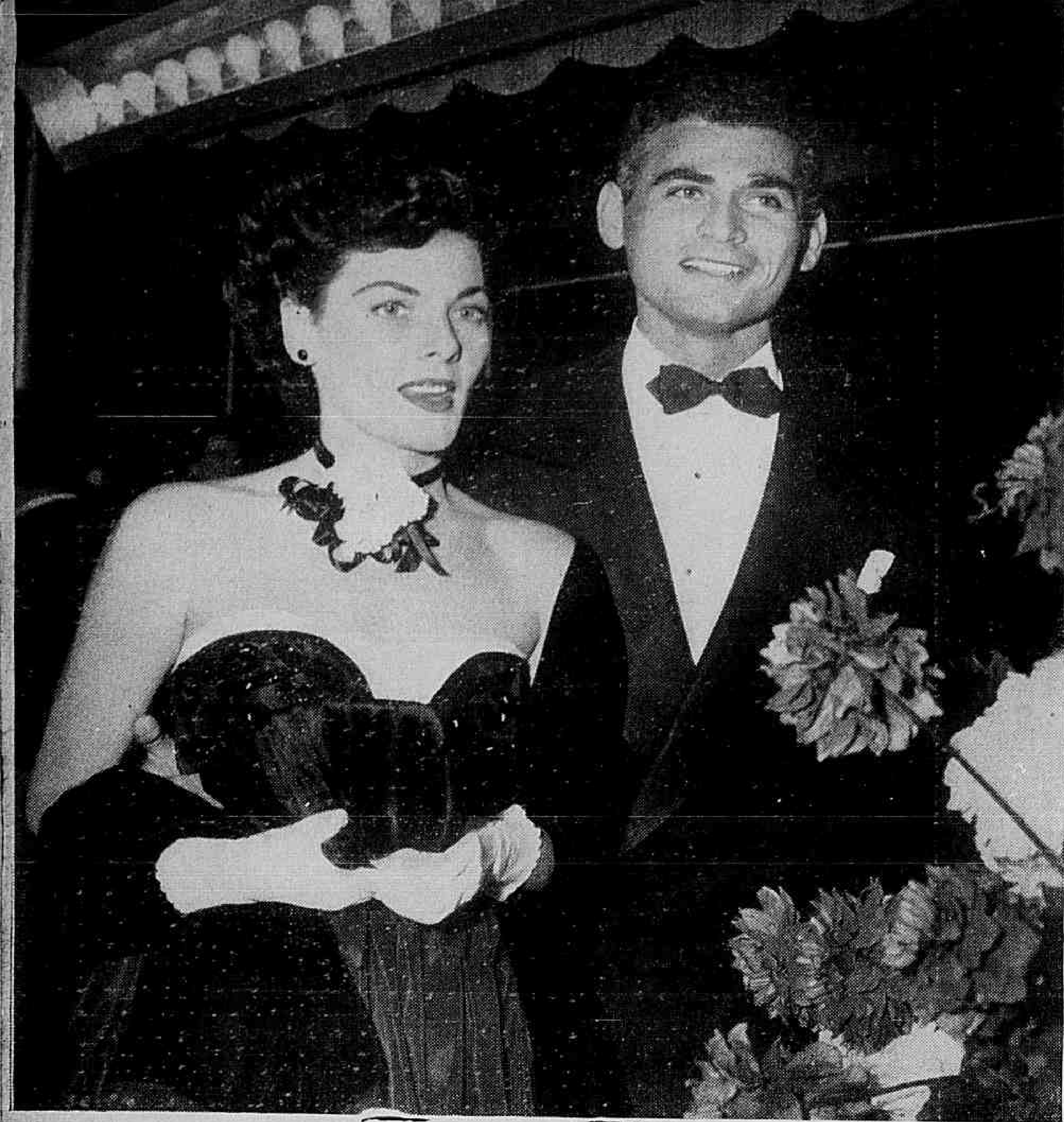
(Cont. na pág. 34)

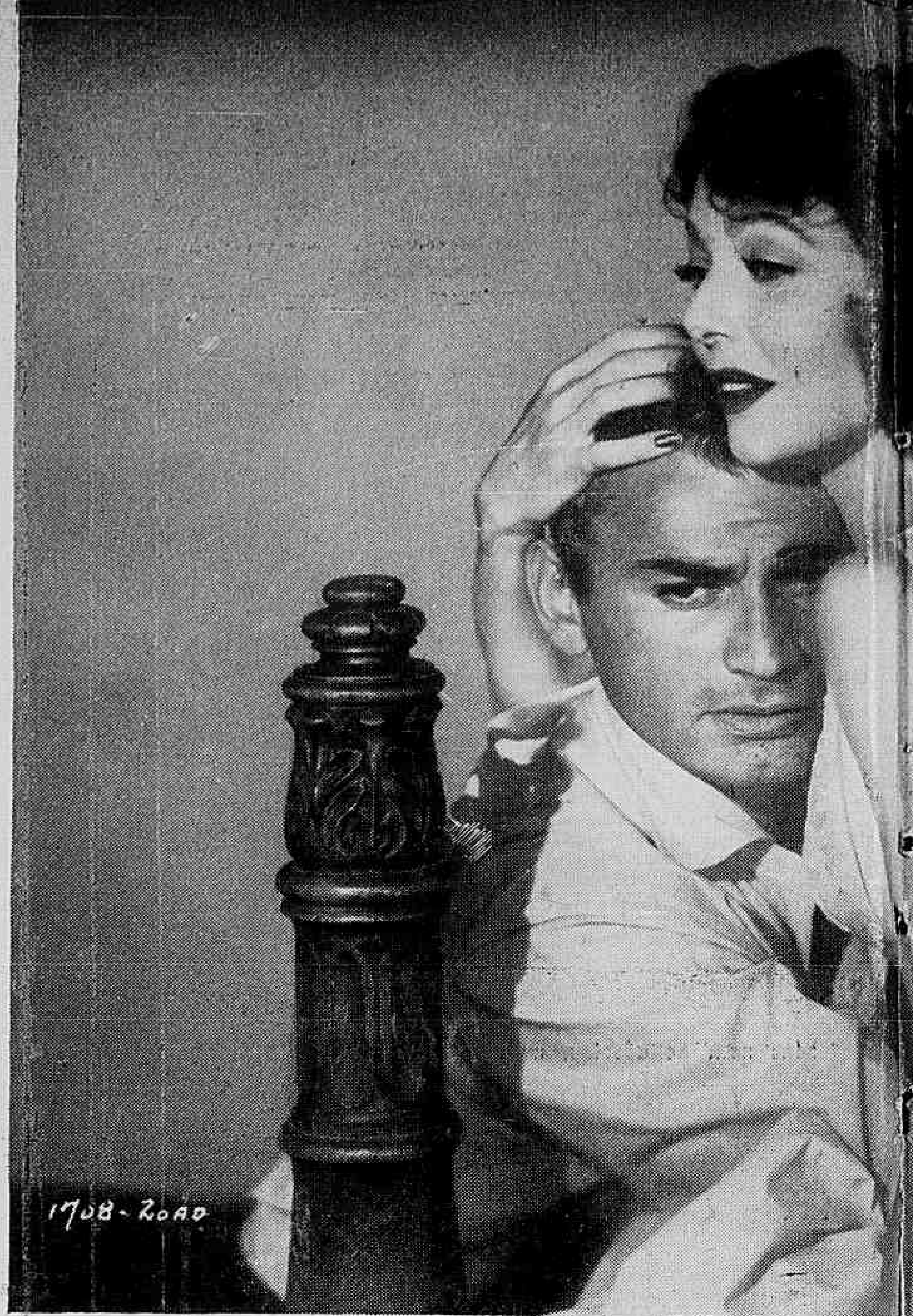
Mas nem as ofertas, nem as ameaças conseguem fazer o químico mudar de opinião e os fabricantes decidem jogar outra cartada muito mais valiosa. Instruída por êles, Daphne vai vê-lo e tenta conquistá-lo com seus encantos, fascinada pelo feitiço da fibra maravilhosa





Quando o fabricante de tecidos Alan Birnley (Cecil Parker), que em companhia de sua filha Daphne (Joan Greenwood) visita a fábrica, de seu colega Michael Corland (Michael Gough), pergunta para que serve um complicado aparelho químico, se descobre, ante a consternação geral, que ninguém o sabe, pois tinha sido montado pelo rapaz que fazia a limpeza, Sidney Stratton (Alec Guinness)





O casal Chandler na «première» de «Moulin Rouge». Após uma separação de alguns meses, Jeff e Marjorie vivem hoje muito felizes, tendo dois filhinhos: Jamie, de 5 anos e Dana, de 2

Jeff Chandler recebe a correspondente de «A CENA» durante um intervalo na filmagem de «East of Sumatra», sua nova película para a Universal, na qual êle faz o papel de um engenheiro másculo, que se vê assediado por uma loira (Marilyn Maxwell) e uma morena (Suzan Ball)

Uma cena de amor com Loretta Young para o filme «Because of You».



A VELHICE P SORTE À JEF

DESCENDENTE DE ISRAELITAS, FOI O ÍNDIO "COC TOMAVA CONTA DA BOMBONIÈRE, PORÉM COMIA PRIMEIRO AMOR – O SUCESSO SOBE-LHE À CABE FAMÍLIA AINDA ERA MAIS IMPORTANTE

Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO ★

Até há algum tempo atrás, os indios nos filmes serviam como simples figuras decorativas. Mas depois que Jeff Chandler criou o "Cochise" de "Broken Arrow" (Flechas de Fogo), os pele-vermelhas passaram a ocupar um lugar de destaque na preferência dos fãs. E' que Jeff conseguiu imprimir ao seu indio uma aparência sensual e romântica, que dava certa dignidade à personagem, fazendo com que os espectadores (em particular, as aspectadoras...) passassem a vê-lo com outros olhos, não apenas como um indigena selvagem.

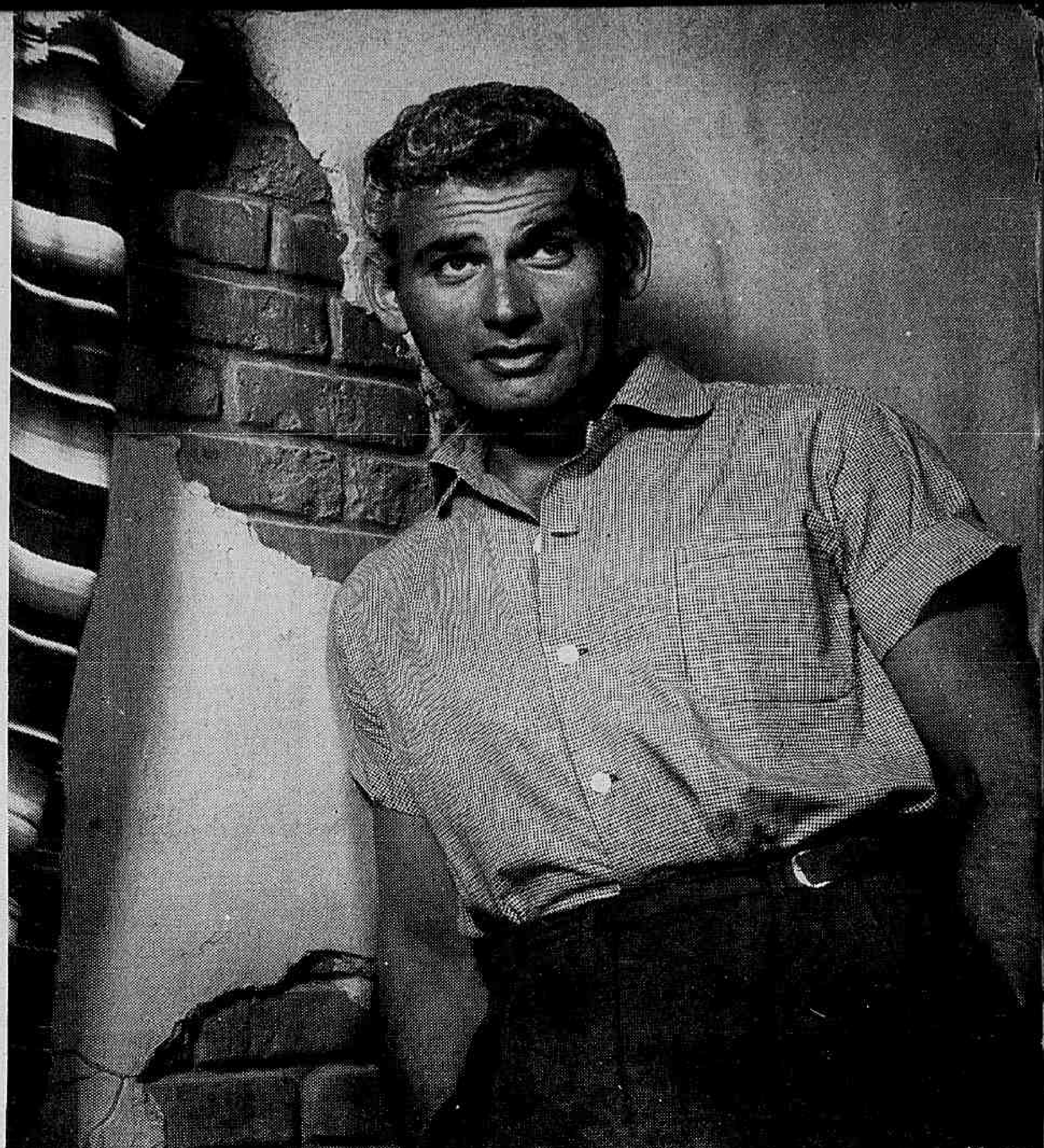
Entretanto, apesar de ter sido êsse filme que o celebrizou, Jeff havia aparecido antes numa "pontinha" em "Johnny O'Clock" e num papel mais preeminente, como o guerreiro israelita, em "Adagas do Deserto". Foi "Cochise", porém, que o situou como um verdadeiro astro cinematográfico. Seu talento, masculinidade e irradiante simpatia tomaram de assalto o público e a crítica, tornando-se êle a maior fonte de renda da Universal-International. Só o seu nome à frente de um elenco passou a significar sucesso certo dos filmes. Os homens admiravam a sua inconfundivel voz e possante dignidade; as mulheres, o seu fisico varonil e... os cabelos grisalhos. E' que, apesar de contar apenas 34 anos, Jeff já tem a cabeça tôda prateada.

— Velhice precoce, — explica êle à repórter de "A CENA" que o entrevista numa tenda da Universal, armada para "East of Sumatra", o filme que Jeff está fazendo com Marilyn Maxwell, Suzan Ball e John Sutton. O "astro" continua: — Meu cabelo sempre me deu trabalho. Na infância, era tão liso que me escorria pelas faces se não o cortasse semanalmente. Aos 12 anos, porém, começou a ficar crespo demais e, quando completei 15, já estava começando a tornar-me grisalho. Minha mãe fêz-me tomar caixas e mais caixas de vitamina B-1, mas de nada adiantou. Ela dizia que nenhum remédio dava resultado no meu organismo porque meu estômago vivia "forrado" de doces...

Jeff — que na realidade se chama Ira Grossell, de origem israelita — tomava conta da "bombonière" que sua mãe mantinha em Brooklyn, mas era muito guloso e, ao invés de servir bem os fregueses, preocupava-se em escolher para si as melhores balas e chocolates... Foi nessa ocasião — ao terminar o curso ginasial — que êle resolveu procurar outra "profissão", pois estava tão gordo que mal podia andar! Seus pais eram divorciados e Jeff recebia u'a mesada de seu genitor. Com esta e mais um emprêgo numa agência de publicidade (êle sempre teve inclinação para desenhos comerciais), Jeff matriculou-se na "Feagin Dramatic School", a fim de seguir a carreira artística. Na famosa Academia Dramática, encontrou uma garôta — aspirante a atriz — que foi a sua primeira namorada e a qual, tempos depois, tornar-se-ia uma das mais famosas "estrêlas" de Hollywood: Susan Hayward. Hoje, ambos são grandes amigos, apesar de terem se casado com pessoas diferentes: Susan com Jess Barker e Chandler com a ex-atriz Marjorie Hoshelle, que conheceu na Broadway em 1945, ao voltar da guerra, onde serviu na cavalaria do Exército. Após a sua súbita popularidade no cinema, o astro confessa que



Sabemos de muitas fãs que desejariam estar no lugar de Loretta...



O maior «charme» do israelita de Brooklyn são os seus cabelos prateados...

RECOCE DEU F CHANDLER

HISE" QUE O CELEBRIZOU EM HOLLYWOOD – TODOS OS DOCES! – SUSAN HAYWARD FOI O SEU ÇA, MAS ÊLE COMPREENDE, EM TEMPO, QUE A – NOVA CARREIRA COMO CANTOR

(Correspondente de "A CENA" em HOLLYWOOD)

o sucesso lhe subiu à cabeça, chegando êle a separar-se de sua espôsa. No seu caso, porém, isto é perfeitamente compreensivel, mesmo porque tudo não passou de emoção momentânea. Apesar de um homem profundamente atraente, até então Jeff não tivera plena consciência dos seus "charmes". Mas, com o repentino sucesso de Hollywood, viu-se êle — da noite para o dia — cercado e disputado pelas mais belas e famosas mulheres da cidade, sendo-lhe dificil resistir às tentações. Durante algum tempo, sucumbiu aos encantos de Ann Sheridan e esqueceu completamente que possuia uma espôsa, filhos e responsabilidades...

— Mas uma separação de sete meses provou que eu era mesmo um homem do lar, — diz Jeff. — Comecei a senitr saudades do embiente familiar e a dar mais valor ao tesouro que possuia...

Marjorie foi paciente e esperou passar aquela fase tão humana da vida de seu marido. E após terminar a tournée de aparições pessoais para o filme "O Demolidor", Jeff voltou para a casa como se nada tivesse acontecido, passando a ser um exemplar chefe de familia. Hoje, o sucesso não mais o preocupa, segundo declarou a esta reportagem:

— A mesma coisa vem acontecendo em Hollywood há vários anos, a milhares de pessoas! Por que serei melhor do que os outros, que obtiveram ainda mais fama do que eu?

O maior prazer que lhe é proporcionado pela glória, Jeff confessa ser puramente material... E'...

— ... poder comprar o que quero, sem me preocupar com as despesas! Há pouco, quando estreei um terno novo, de casimira inglêsa, encontrei Susan Hayward e ela exclamou: "Meu Deus! O seu gôsto em roupas melhorou muito!" Respondi-lhe honestamente: "Não foi o meu gôsto que melhorou e, sim, o meu salário..."

A repórter quer saber se é verdade que o "astro" não renovará seu contrato radiofônico. Jeff admite que sim, pois seu plano é dedicar-se inteiramente ao cinema. Há cêrca de 5 anos que êle vem sendo ouvido na série de programas "Our Miss Brooks", com Eve Arden, responsável pela sua popularidade entre os rádio-ouvintes, que adoram sua inconfundivel voz.

— Por falar em voz, Jeff, ouvimos falar que você está pretendendo tornar-se cantor. Que nos diz disso?

— Bem, a idéia não é nova, — esclarece êle. — Comecei a cantar há 20 anos atrás, mas nunca me preocupei em educar minha voz. Recentemente, porém, o produtor radiofônico dos programas de Peggy Lee convidou-me para cantar num dos "shows". Aceitei o desafio e, ao que parece, não me sai tão mal. Diante disso, a Universal está pensando em aproveitar-me num musical, mas num futuro mais remoto.

A repórter louva a sua versatilidade, ao que o "astro" retruca:

— E', mas não cante muita vitória, pois, como escreveu um critico: "Jeff Chandler como cantor é muito bom, mas não chega a ser uma ameaça a Ezio Pinza..."

Vejam só o «gigante» Chandler (êle tem quase 2 metros de altura!) passeando por Universal City com a «estrelinha» Susan Cabot. A repórter de «A CENA» teve que subir dois gredaus de uma escada para poder ficar no mesmo plano que o «astro» ao posar para a fotografia do alto da página



Cine-Critica do LEITOR

HAVERÁ CRISE MORAL EM HOLLYWOOD

Hollywood está voltando aos velhos tempos, quando os astros e as estrêlas não receavam publicidade para seus romances na vida real, muitas vêzes mais tórridos e tempestuosos do que os que viviam na tela. Depois daquela época já distante, quando Gloria Swanson, Kay Francis e Constance Bennett faziam aumentar assustadoramente as estatísticas de divórcio, e que os amôres de Pola Negri, Gary Cooper e Rodolfo Valentino constituíam matéria para os cabeçalhos dos jornais, o pessoal do cinema atravessou uma longa fase de moralidade e bom comportamento bastante elogiável — ou seria a imprensa de Hollywood? O que não se pode negar é que, durante os últimos anos, a imprensa especializada focalizou sòmente aspectos lisonjeiros da vida particular do pessoal do cinema: atividades sociais, vida familiar, participação em obras de beneficência, patriotismo, etc.

Assim, tivemos uma longa (e fastidiosa) série de reportagens sôbre o casal Dick Powell-June Allyson e suas crianças; sôbre Humphrey Bogart e Laureen Bacall, com o filho de ambos; sôbre Joan Crawford e seus quatro filhos adotivos; sôbre a situação financeira de Jane Powell e Geary Steffen. Não se podia abrir uma revista de cinema, sobretudo americana, sem deparar com entrevistas sôbre a gente de cinema e sua impecável vida particular, ornadas de belas fotografias coloridas. O pessoal de Hollywood era apresentado como modêlo da vida conjugal: Bing Crosby, Irenne Dunne, Claudette Colbert, Loretta Young eram os exemplos preferidos. A crise, se assim podemos chamar, era tão forte, que Bette Davis, quando casou (pela terceira vez), recusou deixar-se fotografar beijando o marido, pois isso era contrário às rígidas tradições morais de sua terra natal.

Outro tabu que acabou nessa época foi o da maternidade: antigamente, as estrêlas nunca confessavam ter filhos; de repente descobriram que podiam tê-los, e conservar a mesma aura de «glamour», a mesma admiração por parte dos fãs. E Ingrid Bergman, Joan Fontaine, Jeanne Crain, Loretta Young, Maureen O'Sullivan posaram para as revistas ao lado dos respectivos herdeiros. Quem não os tinha, adotava-os, como fizeram Joan Crawford, Linda Darnell. Outras, como Marlene Dietrich e Joan Bennett foram mais longe, aparecendo como avós ante seus admiradores do mundo inteiro, sem nada perderem do seu encanto e popularidade. Era uma alteração no sentido da palavra «Glamour», que adquiria como que um novo significado.

Agora, porém mudou o panorama. Os casos Rosselini-Bergman e Hayworth-Khan, ao que parece, marcaram o fim de uma época e o princípio de outra. Muito se escreveu, e ainda se escreve, sôbre essas duas histórias onde o amor (à publicidade) foi a nota dominante. E logo se lhes seguiram outras: o escandaloso divórcio de Shirley Temple, os noivados e casamentos da instável e belíssima Elizabeth Taylor, o polígono Bautzer-Crawford-Rogers-Wyman, as travessuras de Shelley Winters, o romance de Lana Turner com Fernando Lamas, para citar algumas. Mas nenhuma tão em evidência como a de Ava Gardner; Ava adquiriu notoriedade como espôsa de Mickey Rooney e Artie Shaw, e confirmou-a ao se tornar uma das mais lindas estrêlas do cinema. E a intensidade emocional de que tem dado prova bastaria para mantê-la em cartaz; depois de seus dois casamentos, teve um longo e acidentado romance com Howard Duff; e depois de um pequeno intervalo (Mário Cabre), veio o casamento com Frank Sinatra que, dizem, acabará em divórcio. Ava Gardner alia a beleza à falta de sorte no amor e, pelo que dizem, ainda não será com o ex-«The Voice» que ela encontrará a felicidade. E como Frank Sinatra não é benquisto pela imprensa americana, não lhes têm sido poupados os comentários desagradáveis.

Terá havido um declive na curva estatística da moralidade em Hollywood? Ou será apenas uma nova orientação dada à imprensa cinematográfica? E' o que resta vermos; o que é certo é que a intraduzível e exploradíssima palavra — glamour — hoje pertencente à gíria mundial, parece ter retomado seu primitivo significado.

F. MOREIRA — S. Luís



Doris Monteiro e Fada Santoro numa das próximas produções a serem lançadas do cinema brasileiro, «Agulha no Palheiro», a ser estreada em março



Fernando Lamas e Lana Turner o discutido romance de Hollywood

o fã pergunta: "A CENA" responde

Araujo (Alvares Machado) — «... peço informar-me se as artistas Diana Dars e Vera Ellen distribuem fotos...»
R — Não conhecemos a artista Diana Dars. Certamente você quer referir-se a Diane Hart, a companheira de Vera Ellen em «O Mundo a seus Pés», que é, por sinal, uma interessante atriz. Escreva diretamente para Vera Ellen: Metro-Goldwyn Studios, Culver City, Hollywood, Cal.; para Diane Hart: Associated British Pathé, Film House, Wardour Street, London W. I., Inglaterra.

Hilda Aguiar (Rio) — «... quais as produções nacionais a serem lançadas aqui no Rio, no primeiro semestre do corrente ano?»
R — «Carnaval Atlântida», «Amei um Bicheiro», «Está com Tudo», «Fogo na Roupa», «Veneno», «O Cangaceiro», «Agulha no Palheiro» e possìvelmente «Sinhá Moça».

Nilo Casaçola (São Paulo) — «... pretendo um lugar no cinema brasileiro...»
R — Não somos descobridores de talentos. Somos apenas uma revista que se destina aos fãs de cinema e rádio. Você, que reside na capital paulista, está mais perto do cinema nacional que nós aqui na rua Visconde de Maranguape. Tome iniciativa própria e direta, porque ainda que estivesse em nosso alcance atendê-lo, não passaríamos, no caso, de terceiros.

Marta Lopes (Rio) — «... qual o endérêço de Joseph Cotten?»
R — Escreva para Screen Astors Guild, 7076 Hollywood Boulevard, Hollywood, California.

Elvira de Oliveira Brasil (Salvador) — «... qual o nome da partitura musical de «Luzes da Cidade»?
R — «La Violettera». Pode ser adquirida em discos mesmo sob êsse nome. Charles Chaplin e Virginia Cherryl são os principais artistas do filme.

Jairo Cavalcânti (Belo Horizonte) — «... quais os filmes mais notáveis dirigidos por Henry Hathaway?»
R — «A Casa da Rua 92», «13, Rua Madalena», «Horas Intermináveis» e «Missão Perigosa em Trieste», êste último inferior aos demais.

Susana Millar (Florianópolis) — «... há algum filme programado para Maria Della Costa interpretar?»
R — Não nos consta. Presentemente a estrêla está passeando na Europa.

Teresa Celina (Sorocaba) — «... qual a filmografia de Gordon McRae?»
R — Em 1948: «The Big Punch», de Sherrey Shrouds, com Wayne Morris e Lois Maxwell. Em 1949: «Look for the Silver Lining», de David Butler, com June Haver e James Barton. Em 1950: «Daughter of Rosie O'Grady» (Vocação Proibida), de Buthler, com June Haver; «Backfire», de Vincent Sherman, com Virginia Mayo e Edmund O'Brien; «Return of the Frontiersman», de Richard Bare, com Julie London e Rory Calhoun; «Tea for Two» (No, No, Nanette), de Buthler, com Doris Day e Gene Nelson; «The West Point Stor», de Roy del Ruth, com Virginia Mayo. Em 1951: «On Moonlight Bay» (Meus braços te esperam), de Del Ruth, com o elenco da Warner. Em 1952: «About Face», de Del Ruth, com Virginia Gibson; «The Desert Song», de Bruce Humberstone, com Kathryn Grayson.

Fábio Pereira (São Paulo) — «... qual o endérêço dos estúdios de Walt Disney?»
R — Walt Disney Productions, 2400 Alameda Avenue, Burnk, California.

Olga do Vale (Recife) — «... qual a ficha técnica do filme «Roma, Cidade Aberta?»
R — «Roma, Città aperta», 1945, produção Excelsa Filme, direção de Roberto Rosselini, assunto de Sergio Amidei, cenografia de Amidei e Frederico Fellini, fotografia de Ubaldo Arata, música de Renzo Rosselini. Intérpretes: Anna Magnani, Aldo Fabrizi, Marcelo Pagliero, Harry Feist, Giovanna Galleti e Carla Revere.

Rádio Cena



"O BARRACÃO" DE HELENINHA



«AI BARRACÃO, pendurado no morro...» A cidade tôda está cantando o samba de Luís Antônio gravado por Heleninha Costa



HELENINHA COSTA DETESTA O CARNAVAL

OS CONSELHOS DE CARMEN MIRANDA NO INÍCIO DE SUA CARREIRA — PARA ALCANÇAR O MICROFONE TINHA QUE SUBIR NUMA CADEIRA — RECUSOU DIVERSOS CONVITES PARA EXCURSIONAR AO ESTRANGEIRO — O PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS E' UM DOS APRECIADORES DE "BARRACÃO" — OUTRAS NOTAS

Reportagem de MARCOS GASSMANN
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

O auditório da Rádio Atlântica de Santos estava com suas dependências lotadas, pois o programa que estava sendo apresentado havia despertado o interêsse de todo o público santista. Naquela noite desfilavam, entre outras atrações, a famosíssima Carmen Miranda e os não menos populares Sílvio Caldas e Francisco Alves. Mas de tôda aquela assistência duvidamos que alguém, pudesse sentir a emoção e o encantamento daquela menina magrinha de franjas que, sentada na primeira fila, com o queixo apoiado nas duas mãos, fitava com os olhos muito brilhantes os trejeitos de seu ídolo Carmen Miranda, interpretando "O Que é Que a Baiana Tem". Quando terminou, ao som de uma estrondosa salva de palmas, a pequena Heleninha virou-se e disse ainda emocionada para sua genitora:

— Mamãe, eu ainda serei uma cantora tão famosa quanto a Carmen. A senhora vai ver.

Heleninha Costa tinha então 8 anos de idade, e apesar de tão criança, estas palavras não surpreenderam a bondosa senhora. Ela conhecia a vontade daquele palminho de gente e, principalmente, sua declarada vocação artística. Simplesmente abanou a cabeça. Depois, dando um

ATÉ NO MORRO a cantora da franjinha tem fãs. Ei-la, num momento de folga, confraternizando com seus pequenos admiradores

tapinha nas franjas petulantes disse:
— E' cedo ainda, filhinha. Você precisa estudar. Mais tarde, quem sabe ?...

★

Não se passaram muitos meses depois desta cena, quando Heleninha Costa (com nove anos incompletos) estava atuando na Rádio Atlântica, interpretando sambas e canções de maneira tão sugestiva e com tanta emoção, que, no fim de alguns meses, apesar de sua pouca idade, tornava-se uma das cantoras melhor remuneradas do rádio (naquela época), com o salário de 600 mil réis mensais.

Era o "quindim" o "ai Jesus!" da estação, todos queriam conhecer a garôta de franjas que tão bem interpretava os ritmos românticos. E. dentre aquêles que procuravam entrar em contato com ela estava justamente o seu ídolo, Carmen Miranda.

Tornou-se inesquecível para a jovem cantora o dia em que encontrou frente a frente e conversou com a grande intérprete popular. Para aumentar sua emoção, recebeu palavras carinhosas e conselheiras da "pequena notável":

— Heleninha, tens um brilhante futuro à tua frente. Fica certa disto: Não te esqueças, porém, de aprimorar sempre tua voz e teu repertório. E, outra coisa: muito tens que aprender ainda, minha filha...

Apesar dos anos que já se foram, Heleninha jamais esqueceu os conselhos de sua amiga. Daí o critério com que seleciona seu repertório e o contínuo cuidado que tem com sua voz.

★

Passa-se um ano. Numa visita que César Ladeira fizera à Rádio Atlântica, conhecera a cantora mirim e convidou-a à atuar na Rádio Mayrink Veiga, durante as férias escolares (mamãe não deixava que a educação da menina sofresse prejuízo com sua vida artística)... Sua família não poderia rejeitar convite tão amável, dando mesmo tempo um impulso para a carreira brilhante que já se descortinava... Vamos encontrá-la na velha PRA-9, com João da Baiana, Ciro Monteiro, Luiz Americano e outros. Era de se ver a cantora tôda empertigada com seu vestido rosa, subindo a cadeira que o locutor lhe oferecia, para, dêste modo, alcançar o microfone.

★

Apogeu do Cassino da Urca. Grandes tempos aquêles em que os suntuosos salões recebiam milhares e milhares de freqüentadores não só brasileiros como de todo o mundo e os mais belos e luxuosos "shows" jamais repetidos. As maiores atrações internacionais estavam programadas nos seus espetáculos noturnos. E quem vamos encontrar entre os nomes famosos? Um que talvez não fôsse muito popular naquele tempo, mas bem nosso conhecido. Sim, Heleninha Costa está atuando na Urca. Já não é a menina espigadinha de há cinco anos atrás; transformou-se numa encantadora mocinha que faz muita cabeça virar duas vêzes quando passa. Só Deus sabe os esforços e os ardis que Heleninha teve que empregar para conseguir atuar no cassino. Não que lhe faltasse talento, isto sobrava. Mas, era o diacho da idade. Quatorze anos não é idade para trabalhar-se em espetáculos noturnos, o Juiz de Menores naquela época era intransigente. Contornadas as dificuldades, vamos vê-la interpretando suas criações, dentre estas aquela que até hoje é cantada, tocada em todo o Brasil, a famosa composição de Vicente Paiva e Chianca de Garcia, "Exaltação à Bahia". Os êxitos multiplicam-se e junto com êles os convites para atuar em outros cassinos e excursões ao exterior. O famoso "band-leader" Ray Ventura pede que o acompanhe em sua "tour-



A ESTRÊLA desce as escadarias da Favela, numa de suas recentes visitas ao morro, para sentir o «ambiente» de «Barracão»



HELENINHA COSTA é a gentileza personificada. Qualquer pessoa que a procure é atendida com a maior presteza. A sua conduta é um exemplo, mesmo para as veteranas



«BARRACÃO», samba que é o carro-chefe de Heleninha para o carnaval vindouro, tem no presidente Vargas um de seus maiores admiradores



A «MARCA DO TROUXA», de Adelino Moreira, NelsonG onçalves e Herivelto Martins, também foi gravada por Heleninha Costa. Nessa gravação, ela foi coadjuvada maravilhosamente por César de Alencar, Nelson Gonçalves e o Trio de Ouro (Herivelto, Lourdinha e Raul Sampaio). Esta marchinha promete ser uma das «coqueluches» do tríduo de Momo, pois os nomes de seus autores é uma garantia



née" pela Europa. Recusa, porém, a todos os convites e prefere ficar em sua terra.

★

Os tempos do Cassino da Urca passaram. Heleninha atuou em diversas emissoras, sendo hoje exclusiva da Rádio Nacional. Sua popularidade vem crescendo dia a dia e é algo de sólido e definitivo. Bem amigos, como

(Continua na pág. 34)

←

EMBORA grave intensamente para os folguedos momescos, Heleninha não aprecia o carnaval. Ela preferia, nos três dias gordos, deixar o Rio e ir para bem longe do barulho dos tamborins e das cuícas

EIS O CASAL FELIZ. Heleninha e Ismael entendem-se as mil maravilhas. Quando se trata de ensaiar u'a música, um dá u'a mãozinha ao outro. No fim, tudo sai bem





ROGÉRIA JÁ É CARTAZ

DE COMO UM BROTINHO QUE ADMIRAVA A MÚSICA CLÁSSICA PASSOU A INTERPRETAR O GÊNERO POPULAR ★ A BONITA FIGURA QUE ESTÁ FAZENDO NO CONCURSO DA A. B. R. a candidata das RÁDIOS MAUÁ, GLOBO E GUANABARA



Essa pequena provocante e vocalista exímia que atende pelo nome de Rogéria, ensaiou os seus primeiros passos na arte que abraçou graças à PRE-Neno, celeiro de astros e «estrêlas» do rádio carioca, alí na Mauá. Mercê de seu amor ao bel canto, foi aquinhoada com uma bôlsa de estudos para aprimorar os seus dotes vocais num grande centro.

De volta ao Brasil, a graciosa intérprete caiu de amôres pela música papular, passando a cantar os nossos mais bonitos sambas-canções, arregimentando, assim, uma grande legião de fãs. Em vista disso, quando da abertura de inscrições ao título de «Rainha do Rádio de 1953», a moreninha da «emissora do trabalhador», instada por Héber Lobato e outros amigos, não titubeou: incluiu seu nome entre os das disputantes à coroa que atualmente está em poder de Mary Gonçalves.

Tão logo foi anunciada a candidatura de Rogéria ao cetro do certame promovido pela Associação Brasileira de Rádio, duas emissoras — além da Mauá, naturalmente — a Globo e a Guanabara, passaram a apoiá-la, enquanto que a Aeronáutica, pela voz de suas mais destacadas personalida-







A nova administração da Rádio Roquete Pinto inagurou a fotografia de um dos seus ex-diretores o professor Maciel Pinheiro. Na foto, vemos da esquerda para a direita, o professor Maciel Pinheiro, atualmente diretor da Biblioteca Municipal agradecendo a homenagem, prof. Henrique Ourcioli, diretor da D-5, Manuel Barcelos, presidente da A.B.R., e professor Roberto Accioli, secretário Geral de Educação e Cultura da PDF.

DISSE-ME-DISSE

Fala-se numa cisão na diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos. Motivo: as relações entre Brício de Abreu (presidente) e Miguel Curi (secretário), em face da contratação do primeiro pela Rádio Nacional, não estariam muito amistosas...

★

Os fãs de Marlene não querem ver a coroa de «Rainha do Rádio» enfeitando a cabeça de Emilinha. Há dias, uma comissão de admiradoras da primeira foi à Rádio Tamoio hipotecar solidariedade à candidatura de Haydée Miranda.

★

Diz-se que o enxundioso Antônio Maria está negociando o seu retôrno à Rádio Tupi, em virtude de não se encontrar plenamente satisfeito na Rádio Mayrink Veiga.

★

E' voz corrente que Emilinha Borba possui nada menos de 500 mil cruzeiros em votos para despejar na última apuração do concurso que a A.B.R. está promovendo.

★

Onéssimo Gomes (que agora está na Rádio Mayrink Veiga) deu um rombo na «Caixinha do Cacique» (espécie de associação que congrega os funcionários das Associadas). Uma comissão de membros da referida «Caixinha» pretende protestar uma promissória deixada pelo Onéssimo...

MR. KILOCYCLO

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Alziro Zarur está escrevendo uma peça policial, tôdas as semanas, para a Rádio Guarani de Belo Horizonte.

★

Haroldo Barbosa lançou um novo programa na Rádio Mayrink Veiga, intitulado «Nossa família». Essa audição, que vai ao ar às têrças-feiras, às 20 horas e 30 minutos, conta com o concurso dos elementos do elenco de radioteatro da A-9.

★

«Gente do bem», novela de Mário Brasini, foi lançada pela Nacional, em substituição a «Do amor nasceu...», históric seriada que foi traduzida por Ghiaroni.

★

Apesar da proximidade dos festejos carnavalescos, a Rádio Tupi lançou um programa com uma grande orquestra sinfônica.

(Cont. na pág. 34)



PAULO MORENO é um dos mais populares rádio-atores da Tupi. Dono de excelente timbre vocal, sabendo sentir os papéis que interpreta e empregando-se com carinho na criação de tipos — mesmo que seja numa «pontinha» — êle ganhou a simpatia dos apreciadores dos espetáculos de teatro cego e dos companheiros e dirigentes do «Cacique do Ar», que vêem nêle um artista consciente de seus deveres e um esplêndido companheiro de trabalho. Na foto, uma pose de Paulo Moreno, especial para A CENA

VALE A PENA SABER

Joana D'Arc, que cantou por alguns meses na Tupi, já foi intimada, pela Ordem da Cruz dos Militares, a mudar de nome, pôsto que aquela entidade considera uma profanação o uso do nome da Santa de Orleans por uma atriz da ribalta. Entretanto, Joana D'Arc não tomou conhecimento da intimação...

★

O locutor Oliveira Filho, da G-3, antes de ingressar no sem-fio carioca, foi revisor do «Diário da Manhã», que se editava na capital fluminense.

★

Contrariando o que muitos pensam, Francisco Anísio e Pedro Anísio não têm uma parcela de parentesco. «Chico Anísio», como é conhecido o mais novo produtor da PRA-9, é irmão de Elano D. Paula, agora às voltas com uma nova gravadora.

★

Adomar Casé e Almirante foram as figuras que deram ao rádio brasileiro êsse Paulo Roberto que todos conhecem através das programações da Nacional. Paulo é um dos veteranos do rádio guanabarino.

★

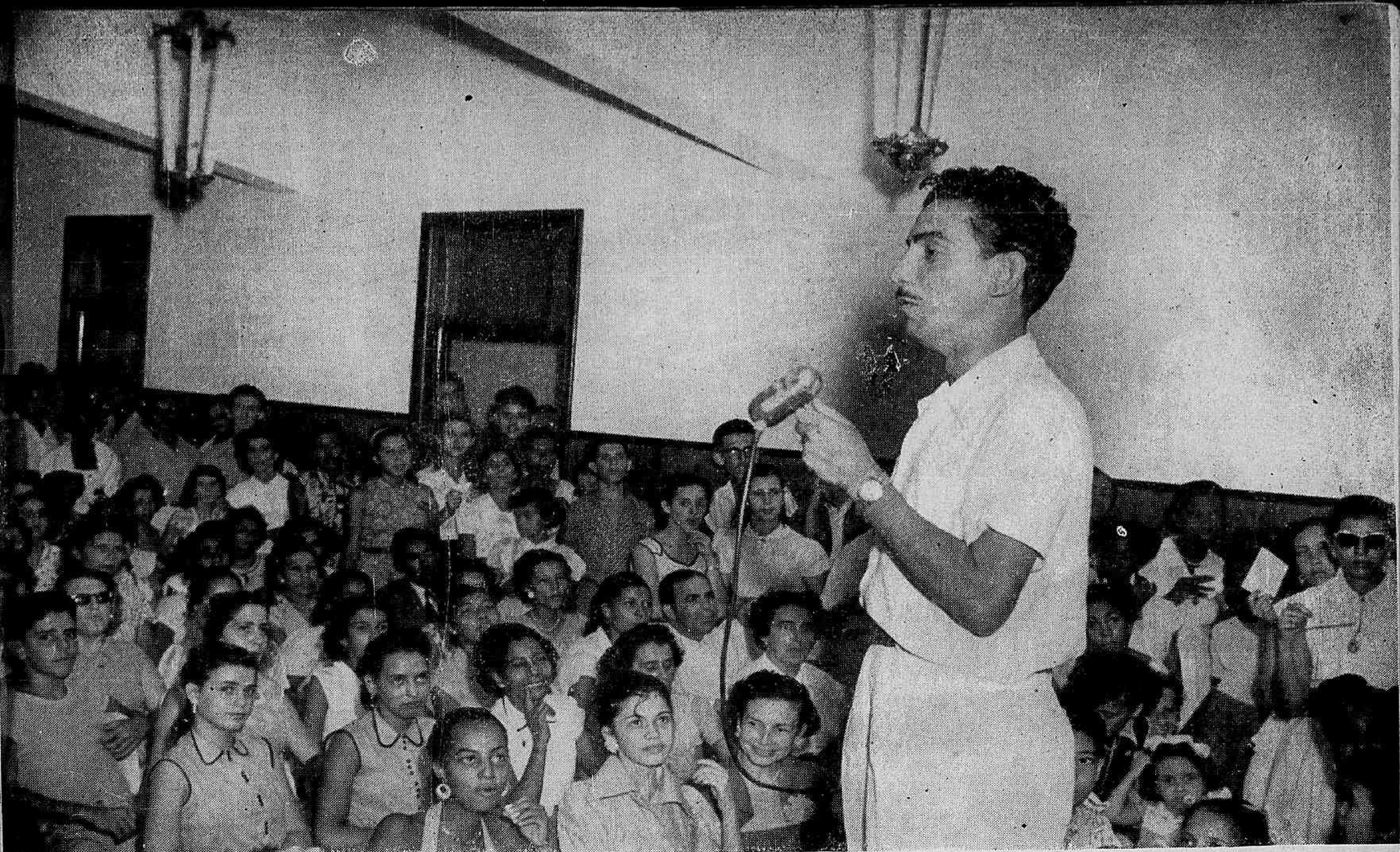
Angela Maria, cujo nome de batismo é Abeim Maria da Cunha, é filha da próspera cidade de Campos.

★

Pagano Sobrinho, um dos grandes humoristas da Paulicéia, exerce as funções de chefe numa autarquia. Calculemos como será o Pagano ditando ordens aos seus dirigidos...



ALBERTO MIRANDA, jovem cantor da Rádio Tupi, uma das boas promessas da nova geração. Brevemente vai gravar uma melodia de Lourival Faissal e Nelson Rivera



Rui Rei cantando no meio do público o seu carro-chefe para o Carnaval: «Eu taquei um beijo nela»

RUI REI no INDEX da CENSURA

PORQUE O CANTOR DA NACIONAL SE CHAMA DOMINGOS ZEMINIAN — AS AGRURAS DE UM COMBATE DA REVOLUÇÃO PAULISTA — PROIBIDA DUAS VÊZES PELA CENSURA, A MARCHINHA "A LUA SE ESCONDEU" NÃO PODERÁ PARTICIPAR DO CONCURSO DA PREFEITURA

Reportagem de
ROBERTO ESPÍNDOLA

Fotos de
ALEXANDRE MIRANDA

Rui Rei mora no Leme. Num belo apartamento da Av. Atlântica. Já havíamos marcado a reportagem, e dirigimo-nos a residência de Rui. Êle porém não estava. Eram 11 horas da manhã. Uma senhora, muito simpática, mostrou-nos pela janela do apartamento:

— Olhe, lá está êle jogando volei na praia.

Fomos até onde se encontrava o cantor, que jogava com Noel Carlos e outros amigos. Ao ver-nos, disse:

— Espere um minuto. Vou tirar a areia do corpo.

E saiu correndo para dar um mergulho nas águas irrequietas de Copacabana. Ja de volta, sentou-se conosco num dos bancos e, antes mesmo que fizéssemos qualquer pergunta, disse:

— Sou paulista da Capital. Nasci exatamente quando o calendário assinalava 4 de janeiro de 1917. Meu nascimento constituiu grande acontecimento, pois meu pai estava louco por um herdeiro. Como o dia em que nasci caiu num domingo, meus pais deram-me o nome de Domingos Zeminian. O pseudônimo de Rui Rei vim a adotar mais tarde, quando iniciei minha vida artística. Fui um

Rui Rei e os autores do grande sucesso: Norival Reis e Alcebíades Nogueira





Outro aspecto de Rui Rei cantando ajudado pelo côro do auditório

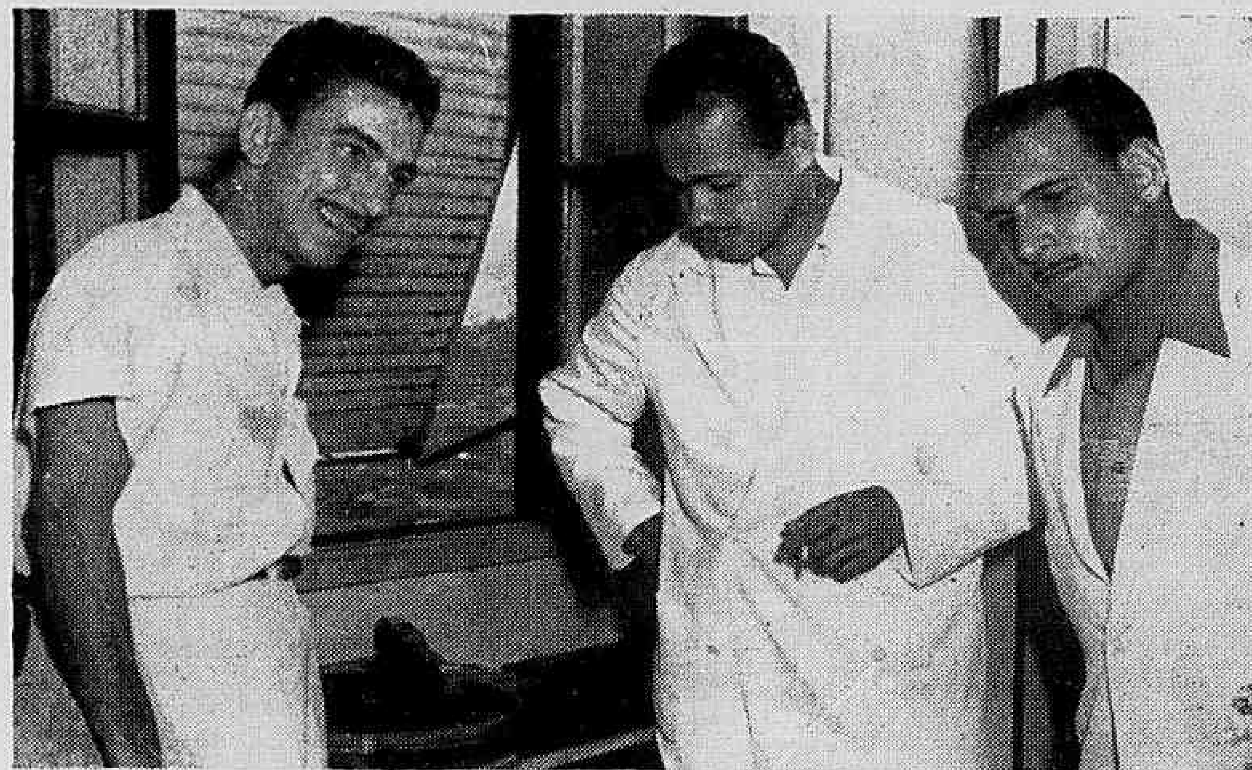
até hoje mamãe guarda como recordação o capacete que usei durante a Revolução. E' a unica coisa que ainda existe do meu heroísmo. Depois empreguei-me. Estive trabalhando em vários lugares, porém, nunca estava satisfeito. Aquela espécie de trabalho não me agradava. Nessa época estava em plena mocidade, no período em que a rapaziada gostava de fazer serenatas — hoje em dia não se usa mais isso — e quase tôda noite juntava-me com mais alguns amigos para as nossas serestas. Daí muitos me diziam que possuia boa voz e que deveria continuar cantando. Entusiasmei-me, e em todos os bailes que ia e em pequenas festas, procurava cantar sempre. Certo dia, o chefe de uma dessas orquestras convidou-me para "crooner". Eu iria substituir Nuno Roland, que havia conseguido um bom contrato. Todos achavam minha voz parecida com a de Nuno. Aceitei o convite e, em pouco tempo, verifiquei que aquêle sempre foi o ideal de minha vida — ser cantor.

Nesta altura, Rui Rei faz uma pausa, toma um gole de refresco, e prossegue:

menino bastante travesso e como prêmio meus pais internaram-me no Liceu do Sagrado Coração de Jesus. Acontece, porém, que naquela época eu queria era soltar papagaio e caçar passarinhos, daí não chegar a ser nenhum aluno brilhante, nem conseguir nenhuma medalha, mas cheguei ao final de meu curso sem nenhum tropêço... Mas você não acha que está muito sol? Vamos para casa tomar um refresco para ver se espantamos o calor.

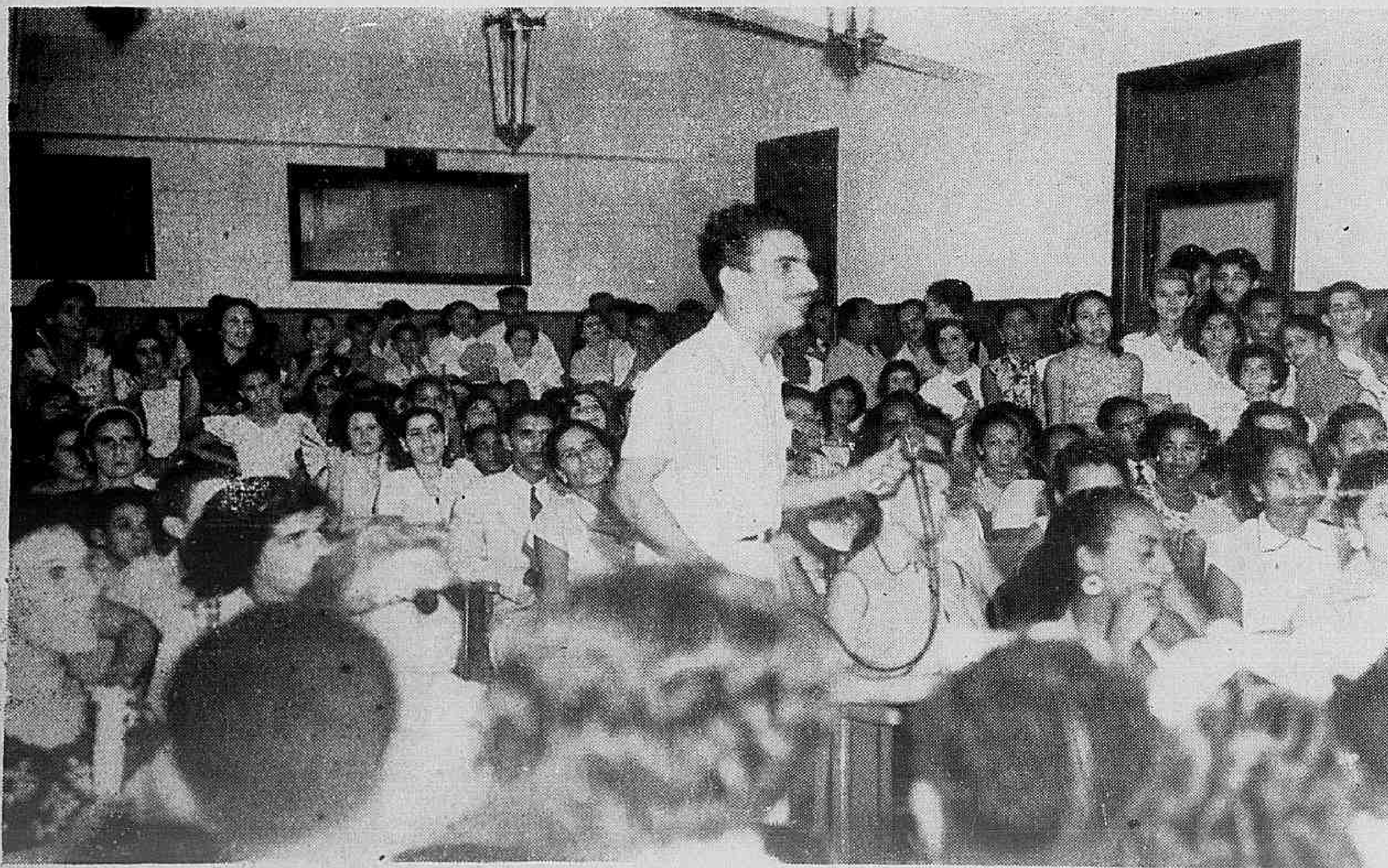
E o repórter, juntamente com Rui Rei, atravessou a Av. Atlântica, entrou no edifício, pegou o elevador, saltou no quinto andar, dirigindo-se em seguida para o apartamento do cantor. Sentamo-nos numa poltrona enquanto êle foi vestir um roupão, para poder terminar a palestra. De regresso, trouxe-nos um delicioso refresco. Depois de tomar um gole e sentar-se ao nosso lado, prosseguiu:

— Em 1932 deixei o internato. Durante alguns meses estive na "boa vida", sem trabalhar nem estudar. Ia ao cinema quase todo o dia, namorava muito, mas já estava ficando aborrecido de não ter nada que fazer. Eu queria emoções, aventuras. Foi quando estourou a Revolução Paulista. Era exatamente o que eu estava esperando. Não perdi tempo, alistei-me no Batalhão dos Ex-Salesianos, e saí à cata de emoções; tinha certeza que, ao voltar, viria coberto de medalhas e glórias. Felizmente para mim a revolução durou apenas dois meses. Voltei para casa, coberto... de poeira, sem nenhum mérito ou glória. E



O cantor escuta a si mesmo, na presença de Norival Reis e Adelino Moreira, dois compositores que estão fazendo êxito na parada carnavalesca

Rui Rei dominando o auditório com a sua personalíssima maneira de cantar



— Durante algum tempo permaneci como "crooner" da orquestra, até que em 1938 passei a atuar num bar-cantante, muito em voga na época, que possuía pequeno conjunto musical. Andava bastante animado com os progressos que vinha obtendo, por isso resolvi também ser músico. Comprei um saxofone e contratei um professor, porém não cheguei a completar meu curso. Daí, ingressei numa nova orquestra, a "Século XX", de J. França. Com ela ingressei na Rádio Tupi de São Paulo. Um ano depois transferi-me para a Rádio Difusora e, mais tarde, para a Rádio Kosmos. Em 1942 recebi um convite do Cassino da Urca, para atuar no "show", Como a proposta era boa, arrumei as malas e vim para o Rio. Ao chegar aqui, porém, surgiu um mal entendido e fiquei sem contrato. Nuno Roland, então, ajudou-me, colocando-me no Cassino Capacabana, onde estreei uma semana após. No Copacabana passei um ano. Meu contrato era pequeno, e estava

(Cont. na pág. 34)

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4° Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

CABRAL NO CARNAVAL

Marcha de Black-out, gravada por Esther de Abreu.

Carnaval, carnaval, carnaval
Cá no Brasil é bem melhor que
[em Portugal
Carnaval, carnaval, carnaval
Foi o que disse Pedro Álvares Ca-
[bral

Cabral quando foi chegando
Foi logo se encostando
Numa índia guarani
E disse não danço mais o vira
Daqui ninguém me tira
Eu fico é mesmo aqui.

★

MARCHA DO TROUXA

Marcha de Adelino Moreira, Nelson Gonçalves e Herivelto Martins, gravada pelo "Trio de Ouro",

Pra que é
Que trouxa quer dinheiro?
Pra que é
Que trouxa quer mulher?
Com dinheiro
O trouxa se atrapalha
E a mulher
Engana o trouxa quando quer.

O trouxa sai pra rua endinhei-
[rado,
Levando a mulher do lado.
A turma grita:
Tá pra nós, de colher,
Pra que trouxa quer dinheiro?
Pra que trouxa quer mulher?

★

O MUNDO VAI SE ACABAR

Marcha de Romeu Gentil e Paquito, gravada por Carmélia Alves.

Sonhei, sonhei
Que o mundo ia se acabar.
O homem lá de cima
Anda bem contrariado.
Qualquer dia aqui na terra
Vai morrer tudo afogado.

Quando acordei
Me ajoelhei
Muito rezei
Pedi perdão.
Há muita falta d'água na cidade
Porém outro dilúvio eu não que-
[ro, não.

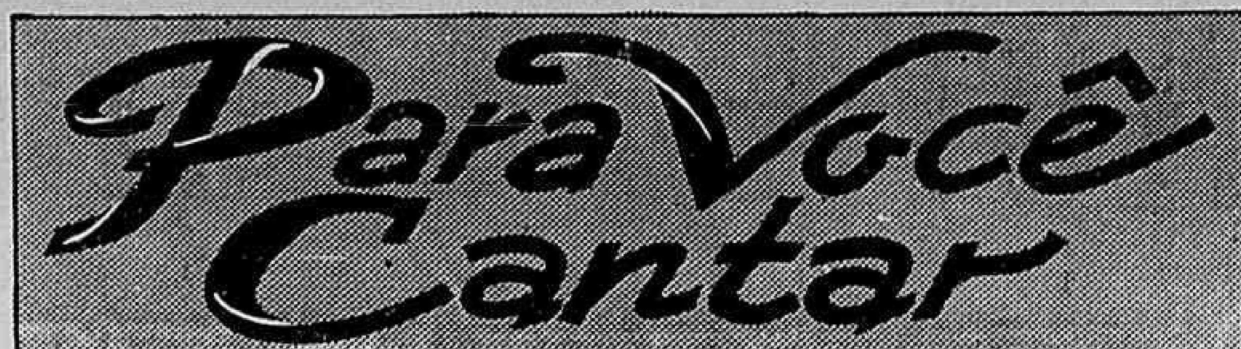
★

CRIME DE AMOR

Samba de Newton Teixeira e Black-out, gravado por Linda Batista.

Todo criminoso volta ao local do
[crime
E foi por isso que eu voltei.
Sofri, chorei;
Chorei porque não me conformei
Todo criminoso volta ao local do
[crime
E foi por isso que eu voltei.

O meu crime é tão banal,
Não é um caso policial,
Eu voltei porque matei
A tua última ilusão
E agora de joelhos
Eu imploro o teu perdão.



CABROCHA DO BALACO-BACO
(Marcha)

De Arnaldo Passos e Silva Júnior — Gravação de Geraldo Pereira

Ó Cabrocha
Do balaco-baco,
Minha vida sem você
E' um buraco!

Mandei fazer uma choça
Bem distante daqui, lá na roça
A beira de um regato
E um bosque em flor,
Para você e eu,
Eu e você meu amor.

★

NÃO ADIANTA
(Batucada)

De Lourival Faissal e Roberto Faissal — Gravação de Lúcia Martins

Não adianta você me chamar,
Que eu não vou.
Não vou pra casa agora não.

Se duvidar eu vou
Beber até cair no chão.
Se duvidar eu vou beber
Mas não vou pra casa não.

★

PRA QUE VELHO QUER BRÔTO?
(Marcha)

De J. Cascata e Lobinho — Gravação de Orlando Silva

Pra que que velho quer bròto?
Pra que que velho quer bròto?
Pra que que velho quer brôto
[pessoal?
O velho pro brotinho
Tem que ser malandrinho
Fazer muito carinho
E não deixar o brôto mal.

Sai daqui ó meu vovô
Sai daqui, não fica assim
Você está borocochô
Êste brôto está pra mim.
Deixe eu dar minha voltinha
Com êste brôto no Joá
Quando fôr de manhãzinha
Voltarei pra lhe entregar.

★

I S A B E L
(Marcha)

De Alvarenga e Ranchinho — Gravação pelos autores

Isabel,
Onde estará
Minha Isabel.

Procuro há muito tempo
E não há meios de encontrar
Será que você pode me dizer
Onde ela está?

NINGUÉM FAZ FE'
(Marcha)

De Ismael Silva e Paulo Medeiros — Gravação de Linda Batista

Você me disse que se acaso eu
[morresse,
Mandaria uma coroa, até cem
[mil réis
Pois então faça de conta que eu
[morri
Em vez de cem, você me empres-
[ta dez.

Não é preciso se assustar
Não quero o seu "algum"
Eu gosto é de brincar
Do "seu" não se espera nenhum.
Até a côr nunca se vê,
Nem para um café
Por isso em você
Ninguém faz fé.

★

MINHA LINDA HINDU
(Marcha)

De Wilson Batista e Nássara — Gravação de Nelson Gonçalves

Hindu, minha linda hindu,
Que nasceu em Calcutá
E' melhor ser minha espôsa
Do que ser escrava de um rajá,
[Hindu.

Eu não tenho palácio,
Eu não tenho tesouro,
Minha janta é um prato de
[arroz
Eu sou um pobre pária
Mas, tenho uma cabana
Que chega pra nós dois, Hindu.

★

ATÉ AMANHÃ
(Samba)

De Francisco Mato e Carvalhinho — Gravação de Vera Lúcia

Até amanhã
Eu hoje não posso ficar
Até amanhã
O samba mandou me chamar.

Sei que vou chorar
Vou chorar de dor
Quando me lembrar
Que deixei o meu amor.

★

GENTE DO MORRO
(Samba)

De Manoel Santana, Getúlio Macedo e Bené Alexandre — Gravação de Marlene

Vai, vai lá no morro ver
A diferença do samba do morro
[para o da cidade
Vai, depois venha me dizer
Se não é lá no morro
Que se faz um samba de ver-
[dade.

A criança lá no morro
Nasce com pinta de bamba
Tem o ritmo na alma
Meu Deus, como tem a cadên-
[cia do samba.

Se você não acredita
Vá lá em cima apreciar
Veja que coisa bonita
A gente do morro sambar.

★

PAGODO CHINÊS
(Marcha)

De Irany de Oliveira e Ary Monteiro — Gravação de Vera Lúcia

Um china, china, china
Me levou certa vez
Num cabaré na China
Num pagode chinês.
Quando lá cheguei,
Uma chinesa com uma ventarola
Sentou na nossa mesa,
Sorrindo dando bola.

Chinesa... Chinesa...
Seu modo de amar é gozado
Porque o amor no Oriente
E' tão diferente, é atravessado.

★

BA, BA, BA, BABANDO
(Marcha)

De Luís Antônio — Gravação de César de Alencar

Ba, ba, ba, babando,
Com tanta mulher bonita
Ba, ba, ba, babando,
A bôca da gente grita:
Mulheres! Sou boa praça,
Mas tenho que usar mordaça.

Já não há tatu que agüente,
O decote da fulana
Numa blusa transparente
Coração de mãe não se engana.

★

VEM MEU AMOR
(Samba-canção)

De Adelino Moreira e Norival Reis — Gravação de Orlando Corrêa

Vem meu amor
Nos meus braços sentir o calor
E o prazer desta vida gozar.

Vem, vem sonhar. (*bis*)

Tu em meus braços
Se o céu fica longe eu não sei
O meu céu são teus olhos que-
[rida
Meu amor, minha vida.

★

FIQUEI ATRAVESSADO
(Marcha)

De Arnô Provenzano e Otolindo Lopez — Gravação dos "Vocalistas Tropicais"

A mulher de hoje em dia
Já não quer usar mais nada
E' um tal de saia curta
E vestido decotado
Até eu, que era direito,
Já fiquei atravessado.

Na praia é um sucesso
Acredite, meu senhor,
E' preciso usar binóculo
Para se enxergar o "maillot"
No cinema é uma gracinha
O senhor nem faz idéia
Tem nudismo lá na tela
E mão bôba na platéia.

Alguns dias se passaram. Enquanto na cidade a opinião pública fervilhava e se procurava saber notícias suas, Maria Angélica se encontrava bem longe dali, protegida pelo sr. Teófilo e sua família. O velho Tio Juca era quem mais se dedicava à menina, cercando-a de carinhos e cuidados, velando-a na enfermidade que se agravava dia a dia. Aquela noite no quarto frio e sem confôrto cavara sulcos profundos no seu organismo frágil, predispondo-a para o mal insidioso que a rondava havia algum tempo. Tio Juca estava triste e procurava salvá-la...

....

TIO JUCA – A gente precisa dar um jeito, minha filha. Assim é que você não pode continuar. Está se enfraquecendo... quase não se alimenta...

MARIA – Isso é coisa sem importância, Tio Juca. Eu... (Tosse).

TIO JUCA – Olhe aí. Há quantos dias você está tossindo dessa maneira? Se fôsse gripe, já tinha sarado. Vou falar com o seu Teófilo hoje mesmo. Êle precisa trazer um médico para olhar você.

MARIA – (Tosse) Tio Juca...

TIO JUCA – O que é?

MARIA (Triste) – Tio Juca... eu não quero ir embora daqui...

TIO JUCA – E quem é que está dizendo que você vai embora?

MARIA – Ninguém, mas... o senhor Teófilo e a dona Hortênsia estão preocupados... só ficam dizendo que a minha família deve estar ansiosa por minha causa... Às vêzes penso que estou sendo um estôrvo para êles.

TIO JUCA – Nada disso, Maria Angélica. Êles até que gostam muito de você. Olhe, ainda ontem, o seu Teófilo estava dizendo que o filho dêle...

TEÓFILO (Preocupado) – Clovis... precisamos tomar uma providência. Essa menina tem me preocupado muito.

CLOVIS – Que pretende fazer, papai?

TEÓFILO – Não sei. Reconheço que os pais da menina devem estar preocupados, mas às vêzes chego a desejar que ela seja órfã... só para ficar sempre conosco.

CLOVIS – E'. Não desejo o mal para a menina... mas eu também gostaria que fôsse assim. A Maria Angélica é o tipo da irmã que eu gostaria de ter. Meiga, sincera, compreensiva... e além de tudo um grande coração.

TEÓFILO – Clovis... acho que essa menina está nos ocultando um grande segrêdo. Ela não é uma criança normal. Os outros meninos não são assim... são diferentes... gostam de travessuras... falam como crianças... E a Maria Angélica...

CLOVIS – E'... (Pensativo) – Agora é que estou refletindo, papai. O senhor tem razão. Maria Angélica não é como as outras crianças. Ela deve ter um segrêdo... e nós precisamos saber o que é.

TIO JUCA (Pausa) – Foi isso o que eu ouvi, minha filha. Êles estão desconfiados... não é por mal não... é porque gostam de você... e não querem perdê-la.

MARIA (Triste) – Eu também gosto muito de todos... e não quero ir embora... (Cresce) – Sei que preciso ir, Tio Juca... eu sei disso... e sei que estou doente... mas não quero morrer longe da Glorinha... longe do papai! (Soluça).

TIO JUCA (Comovido) – Me conte o que está acontecendo com você, minha filha. Tenha confiança em mim... eu saberei compreender.

MARIA (Pausinha) – Está bem... eu vou contar ao senhor.

RÁDIONOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XXIII

Com a fuga de Maria Angélica, a situação em sua casa tomou rumos diferentes. D. Malvina, que tinha sido até então a opressora, passou a ser o motivo da revolta do povo contra o desaparecimento da menina. Agora todos se esqueciam das suas supostas feitiçarias, para se lembrarem apenas da criança que fôra sacrificada pela mãe. Acreditava-se que D. Malvina a tivesse feito desaparecer. Padre Luís procurava esclarecer o fato, quando D. Raimunda veio dizer à dona da casa que alguém desejava falar com ela...

....

MALVINA (Assustada) – Seá Raimunda... a senhora tem certeza que é o delegado?

RAIMUNDA – Foi o que êle disse, d. Malvina.

MALVINA (Mêdo) – Oh, será possível que...? Que devo fazer, Padre Luís?

PADRE LUIS – A senhora terá que atendê-lo. Negar-se a isso é piorar a situação.

MALVINA – Meu Deus! Será que... que vão me condenar por isso? ... Eu não fiz nada!

RAIMUNDA – O homem está esperando, d. Malvina. Mando êle entrar?

MALVINA (Angústia) – Bem... se êle quer falar comigo...

....

MALVINA – Só faltava mais esta!... Já não bastam as nossas dificuldades.

PADRE LUÍS – Precisa enfrentá-las, d. Malvina. Seja como fôr, a senhora é culpada do que aconteceu.

RAIMUNDA (Vindo) – Pode entrar, seu delegado.

DELEGADO (Vindo) – Com licença. Bom dia, sr. Vigário.

PADRE LUÍS – Bom dia.

DELEGADO – Minha senhora...

MALVINA (Sêca) – Tenha a bondade de sentar-se.

DELEGADO – Obrigado. (Com jeito) – D. Malvina...

MALVINA – Já sei o que o traz aqui, sr. delegado. E desde já lhe digo que não sei onde a minha filha está.

PADRE LUÍS – Tenha calma, d. Malvina. Assim não se consegue nada...

DELEGADO (Calmo) – Pode falar, d. Malvina. Estou ouvindo.

MALVINA (Vai perdendo o contrôle) – O senhor é como os outros. Acredita que fiz algum mal à minha filha. Mas se pensa que vou cair aos seus pés para lhe pedir clemência, está muito enganado. Não tenho nada a temer, está ouvindo?

DELEGADO – Bem... se a senhora não tem nada a temer, poderá responder calmamente às minhas perguntas. O inocente não teme a acusação, não é mesmo?

PADRE LUÍS – Queira desculpar, sr. delegado. Ela está nervosa... O senhor compreende... a menina desapareceu...

DELEGADO – Sim... compreendo. Queira prosseguir, minha senhora.

MALVINA – Não tenho mais nada a dizer.

DELEGADO – Bem... já que é assim, vou iniciar o interrogatório.

MALVINA (Raiva) – Seá Raimunda... que está esperando?... o assunto não é com a senhora.

DELEGADO – Ela pode ficar. Aliás, é necessário que ela fique. Tenho a impressão de que ela me poderá dar melhores esclarecimentos.

RAIMUNDA – Eu sei de tudo, seu delegado. Tudo! Posso contar tintim por tintim como foi que aconteceu. Imagine o senhor que...

DELEGADO – Ainda não a estou interrogando, minha senhora. Tenha a bondade de esperar a sua vez.

RAIMUNDA – (Envergonhada) – Está bem... desculpe.

DELEGADO – D. Malvina... consta que a senhora prendeu a sua filha num quarto e que ela desapareceu. E' verdade, não é?

MALVINA – Sim... não sei como isso foi acontecer.

DELEGADO – Por que a prendeu?

MALVINA (Desconcertada) – Bem... eu... eu sou mãe... tenho as minhas razões.

DELEGADO – O que ela fez é tão grave assim?... Qual foi a sua travessura? D. Malvina... sei que a sua filha é uma menina de procedimento exemplar. Como se justifica a sua atitude?

MALVINA – Desde quando os pais têm que dar satisfações a terceiros sôbre a educação dos filhos?

DELEGADO – Não se trata disso. A menina desapareceu e a lei deve protegê-la. Se ela não fôr encontrada, a senhora será a responsável.

MALVINA (Nervosa – Agoniada) – Não sei... não sei... Eu fiz mal em tê-la prendido... acho que exagerei um pouco... mas eu juro que não a maltratei! eu não fiz o que todos estão pensando!

PADRE LUÍS – Sr. Delegado... O senhor não pode acusá-la sem provas. Compreendo a sua atitude, o seu dever... Mas o senhor está se baseando apenas em suposições. E ninguém sabe ao certo o que aconteceu.

DELEGADO – Sim, tem razão. Mas não sou eu quem deseja isso, sr. Vigário. Sou um escravo da lei... e não posso ir contra a vontade do povo. O povo exige uma explicação... eu tenho que satisfazê-lo.

PADRE LUÍS – Está bem... mas espere mais um pouco. A menina talvez esteja aqui por perto... e não tardará a aparecer.

DELEGADO (Pausinha) – E'. Tenho que mandar alguém procurá-la.

MALVINA – Isso mesmo, sr. delegado. Devem procurá-la. Estou muito preocupada.

DELEGADO – Sim. Vou mobilizar alguns homens para a procura. E se ela não aparecer... eu terei que voltar, minha senhora.

. . . .

GLORINHA – D. Raimunda... teve notícias da Maria Angélica?

RAIMUNDA (Triste) – Não. Nenhuma. O delegado estêve aí. Disse que se não acharem a menina, a sua mãe é que vai pagar.

GLORINHA (Assusta-se) – Então... êles estão pensando que a mamãe é culpada?

RAIMUNDA – Estão. Que é que você acha?

GLORINHA – Não sei... não é possível... A mamãe não fêz nada com ela, eu tenho certeza!

RAIMUNDA – Você tem certeza? Como?

GLORINHA – Tenho, sim. Eu sei de tudo.

RAIMUNDA – Como é que você sabe, se nem pode se levantar desta cama?

GLORINHA – Eu sei, d. Raimunda. E não quero que a mamãe seja acusada injustamente.

RAIMUNDA – Hein?

GLORINHA – Eu vou contar à senhora. A Maria Angélica fugiu, sabe?

RAIMUNDA – Hein? fugiu?

GLORINHA – E'. Ela conseguiu abrir a porta.

RAIMUNDA – Abriu a porta?... mas quando a gente foi lá ver, a porta estava fechada! Como é isso?

GLORINHA – (Aflita) – Ora, d. Raimunda... é verdade. Eu juro que é verdade. Ela veio até se despedir de mim!

RAIMUNDA – Hum... você está é querendo encobrir a sua mãe. Mas eu não acredito não.

GLORINHA – Por favor, d. Raimunda... acredite! E' verdade!

RAIMUNDA – De que jeito, menina?... Precisava que eu não tivesse visto a porta fechada e a sua mãe abrindo-a com a chave! Eu vi, Glorinha... e a Maria Angélica não estava lá.

GLORINHA – Pois é! Ela já tinha fugido!

RAIMUNDA – Ai minha Nossa Senhora!... Fugiu como, Glorinha?

GLORINHA – D. Raimunda... a senhora já ouviu a Maria Angélica falar naquela moça bonita que apareceu para ela?

RAIMUNDA – Já. Ninguém acreditou, mas eu acreditei.

GLORINHA – Pois é. Ela estêve aqui no meu quarto... e não a vi. Só a Maria Angélica.

. . . .

RAIMUNDA – E daí?

GLORINHA – Pois foi ela quem abriu a porta, d. Raimunda. Ela!

RAIMUNDA – E' mesmo!... Então foi ela!...

GLORINHA – Pois é. E' por isso que eu tenho certeza que a mamãe não fêz mal à Maria Angélica.

RAIMUNDA – E' verdade... E agora?

GLORINHA – Vá procurar o delegado... fale com êle.

RAIMUNDA – Eu vou. (Uma idéia) – Glorinha!

GLORINHA – O que é?

RAIMUNDA (Segredando) – Olhe... vamos fazer uma coisa. A gente fica caladinha e não diz nada a ninguém.

GLORINHA – Por que?

RAIMUNDA – Ora... deixe êles pensar que foi a sua mãe. Só assim a gente pode dar uma lição nela!

GLORINHA – Hein? (Quer ceder) – Mas... eu fico com pena, d. Raimunda...

RAIMUNDA – Que nada!... Ela teve pena da sua irmã?... Deixou a coitadinha dormir naquela despensa fria, sem um cobertor! Deus é que sabe o que a pobrezinha sofreu! Está acabado, Glorinha. Não se fala nada por enquanto. A sua mãe tem que aprender a maltratar os outros!...

SINTONISANDO

«Páginas cariocas», quinta-feira, 29, às 21,25 horas, na Mayrink Veiga. — Haroldo Barbosa voltou à forma antiga. Aquêle Haroldo leve e saboroso dos tempos da Tupi, está na A-9, deleitando seus ouvintes com «scripts» que nos fazem lembrar do «Onde está D. Judite?». Além do «Vai da valsa» e do «A cidade se diverte», dois campeões de horário, o mano de Evaldo Ruy produz, diàriamente, a crônica «Páginas cariocas». Qual um Genolino Amado mairinquiano, Haroldo comenta a vida, os acontecimentos pitorescos dessa falsa Cidade Maravilhosa com uma leveza que nos leva a nunca olvidar as suas páginas cariocas.

★

«Desfiles Bangu», sábado, 24, às 24 horas, Globo. — Estiveram numa madrugada feliz os rádio-repórteres da emissora de Raul Brunini. Descrevendo com bastante desenvoltura e conhecimento de causa o desfile das mais elegantes jovens do Brasil, a equipe da PRE-3, deixou antever o que será a estação de Otto Schneider, futuramente, no campo das rádio-reportagens. Sem ser a dona da festa — no caso a anfitriã era a Nacional, comandada pelo Ribeiro Martins, — a Globo fêz uma cobertura digna dos maiores encômios. A Continental que se acautele, pois a ex-Transmissora vai entrar de sola no setor do radiojornalismo.

★

«Tancredo e Trancado», domingo, 25, às 19,30 horas, Nacional. — Todos conhecem o Ghiaroni, novelista de mão cheia e poeta emérito, mas não ignoram também o Ghiaroni humorista fino e agradável. Não há quem nunca tenha ouvido as trapalhadas da conhecidíssima dupla «Tancredo e Trancado», que, não tenhamos dúvida, é um ímã que atrai milhares de ouvintes para a faixa da E-8. Não mentiremos ao afirmar que o «Psicotécnico», do J. Rui, e «Tancredo e Trancado», do autor de «As três noites de Natal», são as maiores atrações dominicais do prefixo de Vítor Costa. De domingo para domingo os «enredos» vão ficando mais humorados e não há quem suporte os tropeços do Brandão Filho sem dar gostosas gargalhadas. Ema D'Avila faz uma «Xandoca» inigualável e o Apolo Corrêa completa muito bem o trio que defende as gostosas trapalhadas do «Tancredo e Trancado».

★

«Orlando Silva», domingo, 25, às 12 horas, Nacional. — Não podemos negar que Orlando Silva esteja atravessando uma de suas melhores fases. Tem cantado muito bem nas apresentações que tem feito ao microfone da E-8. Estamos de acôrdo com os «scripts» bem redigidos e bem intencionados de Ghiaroni e com as sóbrias narrações de Roberto Faissal. Agora protestamos contra a falta de sentimento dos patrocinadores e dos diretores da Nacional. A nosso ver só deveriam ser apresentadas músicas alegres e carnavalescas após o primeiro ano da morte do inesquecível Francisco Alves. Se Orlando o substituiu, a veneração à memória do criador de «Adeus» devia ser mais longa e mais sentida. E' natural que não poderemos chorar a vida inteira um colega falecido, mas, no caso, o luto poderia ser guardado no horário que pertencia ao finado seresteiro. Temos gostado das interpretações de Orlando Silva, mas

(Cont. na pág. 34)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Rádio Social

TIA LAURA

Finalmente consegui apurar tudo direitinho, meus sobrinhos. O Wilton Franco, aquêle rapagão romântico da G-3, vai casar. E o que é mais «chic»: a sua futura espôsa é filha de um ministro. O enlace, segundo me contaram, vai ser realizado no fim do ano; em seguida, os nubentes seguirão para o Uruguai, onde passarão a lua de mel. Felicidades, Wilton, e, quando voltar, não se esqueça de me enviar umas queijadinhas.

★

Zezé Macedo, (aposto como vocês não sabiam) além de ser uma radioatriz de primeira linha, escreve poesias de maneira impressionante. Agora mesmo ela acaba de dar à publicidade um volume cheio de lindos poemas e que, afirmam os que já o leram, agradará em cheio aos amantes das rimas. Zezé, aceite, sinceramente, as congratulações de Tia Laura.

★

Hamilton Santos não se cansa de sofrer da doença da paixão. Um dos meus sobrinhos me passou a nova de que êle está perdidamente apaixonado por uma colega da B-7. Por mais que eu insistisse, meu informante não quis me dar o nome da dita cuja, pois, segundo confidência feita ao pé do meu ouvido esquerdo, o caso é muito sério.

★

Aida Sallas — não neguem, meus sobrinhos — é uma chilena de deixar qualquer um com a pulga atrás da orelha. Sem saber o que estava fazendo, naturalmente, ela entrou no páreo para a escolha da «Rainha do Carnaval». Candidata fortíssima, logo apareceram centenas de cabos-eleitorais. Coitadinha da Aida; não vive um minuto sossegada. São tantos a assediá-la com «convites» e mais «convites» que a filha dos Andes não sabe como atender a tantos votantes. Eu, não querendo me deixar entender como conselheira, aconselho aos «cabos» e aos votantes que deixem a menina descansar... Cerrem fileiras em tôrno de seu nome... mas deixem a menina descansar em paz. À essa altura sou obrigada a solicitar os préstimos de meu sobrinho Roberto Faissal. Acho de bom alvitre uma providência rigorosa de sua parte. Essa mocidade é louca mesmo.

★

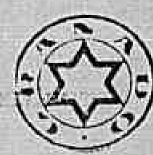
Ivan Silva, o irrequieto radioator da PRN-9, está morrendo de amôres pela estrêla da série «Histórias que a vida escreveu». Não sei de muita coisa, mas o pai da moça não é sopa não. Ivan, meu sobrinho, cuidado. Muito cuidado.

TRADIÇÃO



ÁGUA INGLÊSA
GRANADÒ
• Aperitiva
• Tônica
• Fortificante





HELENINHA COSTA...

(Cont. da pág. 24)

estamos neste lufa-lufa que é o período pré-carnavalesco, não poderíamos furtar-nos, nesta reportagem, em focalizar a parte carnavalesca de sua vida artística. Por mais paradoxal que possa parecer, Heleninha, a criadora de tantos êxitos carnavalescos não gosta de carnaval, ou melhor detesta a balbúrdia dos dias de folia. E, não fôssem as obrigações que a prendem na rádio durante os festejos, afirmou-nos a estrelinha da PRE-8, bem que estaria longe das cuícas e dos tamborins.

★

Heleninha Costa começou a gravar para o carnaval há três anos, isto é, em 1949, quando lançou a marcha que alcançou grande êxito: "A Serpente do Faquir". Com êste seu primeiro sucesso, animou-se e levou para a cêra, no ano seguinte, o samba de Edmundo de Souza, Peterpan e Aylce Chaves, "Fracassei". As coisas melhoraram ainda mais. "Um Pouquinho de Carinho", de Pedro Caetano, e "Jurei", de Paulo Marques e Aylce Chaves, são as duas bombas que estouram no carnaval de 1951. No ano passado firmou-se definitivamente no gênero carnavalesco (apesar de preferir o romântico) com o samba. "Já é Demais", de Sebastião Gomes e Jorge Gonçalves, e a criação dela e de César de Alencar, que logrou a segunda colocação no concurso da Prefeitura, "Acho-te uma Graça", de Haroldo Lobo, Benedito Lacerda e Carvalhinho. Para o carnaval dsête ano, tem Heleninha Costa um samba que por sua feitura e, principalmente, pela grande aceitação do público será, se não erramos na previsão, o seu maior êxito carnavalesco. Trata-se do samba de Luiz Antônio (o mesmo inspirado compositor de "Lata D'água", "Sapato de Pobre", "Sassaricando", "Zé Marmita" e outros) e Oldemar Magalhães, "Barracão". E por falar nesse interessante samba, foi há cêrca de sete meses, quando Heleninha e Ismael convidaram um grupo de compositores amigos para um alegre bate-papo no apartamento em que residem no Leme. Dentre os convivas, lá estavam: Luiz Antônio, J. Júnior (parceiro de Luiz Antônio nas músicas que enumeramos anteriormente) Klécius, Cavalcânti e outros. A conversa decorria animada, falava-se de tudo: música, carnaval, futebol e outros assuntos mais ou menos correlatos. Luiz Antônio, a certa altura, chamou Heleninha a um canto e cantarolou o início do samba que havia composto poucos dias antes. Foi a primeira a apaixonar-se. Entusiasmada pediu que o cantasse alto e, ao terminar Luiz Antônio (este grande poeta das misérias cariocas não é cantor, diga-se de passagem, a sala tôda fazia côro com êle. Naquela noite mesmo, tomou o samba sob sua responsabilidade e lançou-o mais tarde no disco. O êxito foi enorme. O samba está pegando de fato. Tanta popularidade alcançou que, segundo nos adiantou Ismael todo eufórico, o próprio Chefe da Nação gostou, principalmente, do verso que diz ser o "barracão tradição do meu país"...

ROGÉRIA...

(Cont. da pág. 25)

des, recomendou o incondicional apôio de praças e oficiais à encantadora «estrêla» da H-8 para que ela seja a sucessora de Mary Gonçalves.

Como resultado, vemos a figura brilhante dessa novata que hoje é um dos grandes cartazes da radiofonia guanabarina, fazendo qualquer auditório delirar com a só enunciação do seu nome, figurando entre as candidatas mais votadas do concurso da A.B.R., estando, presentemente, em segundo lugar, em seguida a Emilinha Borba, que é a primeira colocada.

Como vemos, a jovem cantora da Mauá ainda está no páreo e pode muito bem surpreender as veteranas, abiscoitando o cobiçado título de «Rainha do Rádio de 1953».

ODISSÉIA DE UM...

(Cont. da pág. 17)

se nega a vendê-lo, em vista do que é raptado pelos industriais. Num esfôrço para obrigá-lo, mandam Daphne com a missão de namorá-lo e fazê-lo capitular. Nesta ocasião até o amor fracassa, pois se bem que Straton aceite as carícias, não se deixa convencer. Daphne, que tinha cumprido o encargo com certa apreensão, porque no fundo sente mais do que simpatia pelo jovem, o ajuda a escapar.

Stratton sai de uma para meter-se em outra. Em sua fugida esbarra com uma vociferante multidão de operários, que pensam que tudo é uma manobra dos patrões para deixá-los sem trabalho, e vão dispostos a evitar que se produza a fibra, ainda que para isto tenham que eliminar seu inventor.

E assim, êle que quiz fazer um favor à humanidade, se encontra entre dois fogos e compreende que esta tem muito mais razões que a primeira em não querer ajuda. Enfrentando o perigo, Stratton pergunta a si mesmo mentalmente: Em que ficará tudo isto? Conseguirei sair vivo ou a multidão furiosa me despedaçará? E que será de meu invento?

HOLLYWOOD...

(Cont. da pág. 15)

— John Lindsay. Ambos os casais profundamente simpáticos a tôda a colônia hollywoodiana surpreenderam a cidade ao tomarem essa drástica medida pois esperava-se que soubessem harmonisar suas desinteligências.

★

Alec Guinnes — o ator inglês do momento — convidou Ivonne De Carlo para ir à Inglaterra filmar "Paradise" com êle. Alexander Korda é o produtor. No momento, Yvonne está fazendo "Fort Algiers", que ela própria financiou para a United Artists, com o galã argentino Carlos Thompson, sua nova paixão...

★

Bob Topping — ex-marido de Lana Turner — casou-se com a patinadora profissional Mona Mac Moedl, que conheceu em Sun Valley. Mona é a quinta espôsa de Bob

★

O comediante Jerry Lewis encontra-se internado no Hospital, onde se submeteu o delicada operação do joelho direito, devido às complicações com a queda que sofreu da sua motocicleta. Jerry estava tentando mostrar ao seu amigo Tony Curtis como é que os policiais de Los Angeles perseguiam os carros em alta velocidade...

★

Laurence Olivier "virou" agente para o seu amigo Peter Finch, que está sob contrato com a sua companhia teatral. Foi Olivier quem conseguiu um bom papel para Finch no filme da Paramount "Elephant Walk", cuja "estrêla" é a sua espôsa Vivien Leigh. E', pois, a primeira vez em que um "Sir" da aristocracia inglêsa se transforma em agente cinematográfico... A propósito: Olivier recusou o papel de galã do mesmo filme, o qual foi entregue a Dana Andrews.



RUI REI NO...

(Cont. da pág. 28)

ganhando pouco. Falei com Evaldo Rui e êste apresentou-me ao seu mano Haroldo Barbosa, que era um dos produtores e discotecário da Nacional. Por intermédio dêle consegui fazer um teste na PRE-8. Fui aprovado, mas não consegui contrato imediatamente. Meses depois, fui procurado por Evaldo Rui, que me informou estarem precisando de mim na E-8. Foi ao que assinei meu primeiro conpromisso, ganhando mil e duzentos cruzeiros mensais, e até hoje permaneço na emissora da Praça Mauá. Pouco tempo depois, a Continental convidou-me para gravar, e já possuo mais de uma centena de músicas perpetuadas na cêra.

— E para o Carnaval, quais são as novidades?

— Para o reinado de momo dêste ano gravei dois discos; um contendo "Que tempo bom" e "A Louca Chegou", onde faço dupla com Emilinha Borba, e o outro com "Marinheiro Popaie" e "A Lua se Escondeu". Aliás é êste o disco que tem obtido maior vendagem na Continental, neste período pré-carnavalesco.

— Soubemos que houve um pequeno "enguiço" com "A Lua se Escondeu..."

— De fato. Em princípio, o senhor Fernando Bastos, censurou esta música, afirmando que a minha interpretação dava um outro sentido a determinada palavra. Nós — eu e os autores — fomos à sua presença e provamos que era apenas impressão, não existindo segundas intenções. Ficou tudo esclarecido e a música pôde ser tocada. Pouco tempo depois, porém, o censor voltou a proibir a execução da música. Tornamos a comparecer à sua presença e agora está "tudo azul".

Aliás, segundo informou um vespertino carioca, a marcha de Rui Rei não entrará no concurso da Prefeitura, pois, de acôrdo com o regulamento, tôdas as músicas vetadas pelo censor não poderão participar do referido concurso.

Era tempo de finalizarmos nossa palestra. Tomamos o último gole de nosso refresco e despedimo-nos de **Rui Rei**.

DAQUI, DALI,...

(Cont. da pág. 26)

Encerrou suas apresentações nas Associadas Cariocas, o seresteiro Sílvio Caldas. O popular cantor deverá empreender uma série de excursões às principais cidades brasileiras.

★

Logo após o carnaval, a Emissora Continental deverá transmitir a noite tôda, irradiando músicas mescladas com informações e notícias de interêsse geral.

★

Fernando Chateaubriand voltou à direção da Televisão Tupi.

João Péricles e Hélio Ribeiro são os dois assistentes de Luiz Quirino na direção da Rádio Tamoio.

★

Dick Haymes e Billy Eckstine, dois grandes cartazes da música popular norte-americana, deverão realizar uma temporada nas principais emissoras e «boites» do Rio, nos meses de maio e junho, respectivamente.

★

Roberto Inglês deverá retornar ao Brasil no mês de junho vindouro, ocasião em que Dalva de Oliveira deverá gravar novas músicas com o famoso maestro escocês.

Fala-se que alguns dos elementos que deixaram a Tupi para ingressar na Rádio Mayrink Veiga, inclusive Antônio Maria, estariam em negociações com os dirigentes das Associadas para retornar à G-3.

★

A radioatriz Eiza Martins reformou contrato com a Rádio Clube do Brasil.

★

Fala-se no ingresso de Rebêlo Júnior na Rádio Guanabara, onde exerceria destacadas funções.

★

«Anna Karenina», famoso romance de Leon Tolstoi, será brevemente apresentado em capítulos pela Rádio Clube do Brasil.

★

A Rádio Tamoio lançou um novo horário de novelas, o das têrças, quintas e sábados, às 12 horas e 30 minutos.

★

Reformou compromisso com a Rádio Clube do Brasil o «broadcaster» Dias Gomes.

★

Silveira Lima está disposto a mudar de prefixo, caso não chegue a um acôrdo com as Associadas para reformar o seu contrato.

CINE-MUNDIAL

Inglaterra

Com Charles Boyer e Katherine Hepburn será filmada uma peça de Bernard Shaw nos Estúdios de Elstree, cujo título ainda não foi divulgado. Com o seu sucesso na peça «The Millionaires» nos palcos londrinos, a cotação e popularidade de Kate Hepburn estão altíssimas na velha Albion.

★

«Elstree Story» é o filme que inclui e mseu elenco todos os artistas famosos da Inglaterra, de 1927 aos nossos dias, em número superior a cem. O filme será constituído do extrato de 46 filmes até hoje rodados naqueles famosos estúdios britânicos.

★

Peru

O produtor peruano Edward Movius tenciona contratar a mundialmente célebre Ima Sumac para tomar parte no filme «Sabotagem na Selva». No filme em questão Ima cantará as músicas de nome «Gallecita Escondida» e «Ha de venir mi sueno». E' possível que a notável cantora aceda em filmar na sua pátria, já que são bem conhecidas suas recusas em fazê-lo em Hollywood.

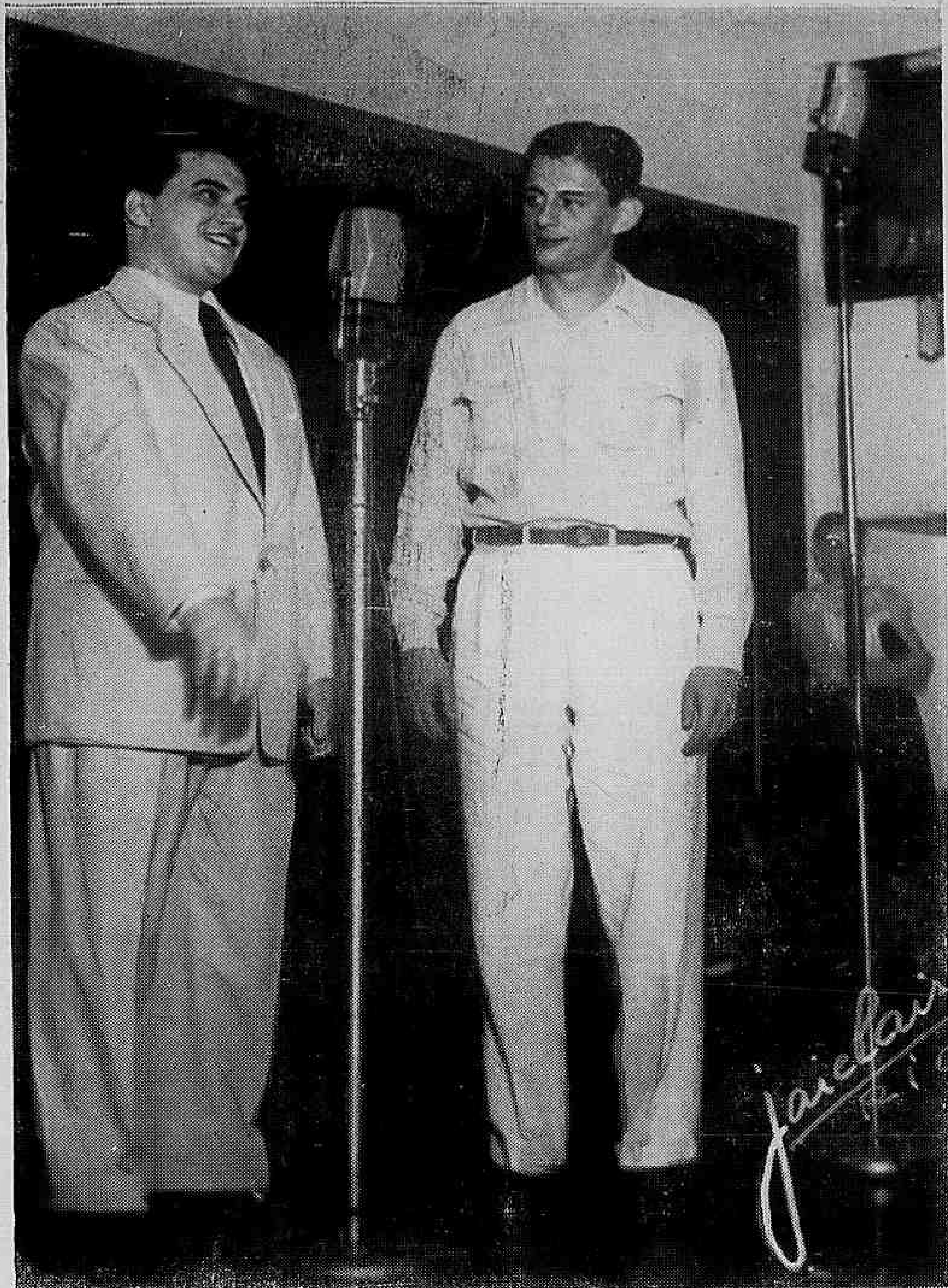
SINTONIZANDO

(Cont. da pág. 33)

discordamos completamente da orientação dada ao programa que sempre nos lembra o saudoso «Chico Viola».

★

«Serestas de Sílvio Caldas», segunda-feira, 26, às 20 horas, Tupi-Tamoio. — Estêve esplêndida a audição de despedida do «caboclinho querido». Tôda a **Taba** se reuniu para dar o «boa-viagem» ao querido Sílvio Caldas. O inconstante seresteiro, incrível como pareça, cumpriu à risca seu compromisso com as «Associadas». Ainda estamos pensando como Paulo de Grammont conseguiu êsse milagre. Foi grande a noite do «bota-fora» de Sílvio. João Dias e Dalva de Oliveira e todo o «team» musical associado estêve presente, dando um colorido especial à despedida do cantor nômade do rádio brasileiro. Agora, torçamos para que Sílvio Caldas volte ao Rio logo assim que resolver cantar novamente para suas fãs cariocas.



Manolo Alvarez Mera cantando no programa de César



Bernard Hilda e sua famosa orquestra atuando no «César de Alencar»



César e a famosa cantora francesa Josephine Baker

O PROGRAMA

CÉSAR de ALENCAR

E' O PREFERIDO DOS CARTAZES INTERNACIONAIS

Ninguém ignora a grande fôrça publicitária do famoso "Programa César de Alencar", indubitàvelmente a mais aplaudida de tôdas as audições de auditório do rádio brasileiro. Nêle atuam os maiores e mais categorizados cartazes do "sem-fio" brasileiro, numa seqüência que agrada os ouvintes nas quatro horas de duração.

No entanto, outra faceta do famoso programa é a preferência dos cartazes internacionais que por aqui passam. Todos os cantores, cantoras, músicos e humoristas quando chegam ao Rio para atuar na Nacional, voltam as suas atenções para as audições dos sábados, sob o comando do festejado cearense, inegàvelmente o maior comandante de auditório do Brasil.

Todos os sábados assistimos os mais categorizados artistas estrangeiros ao microfone da Nacional. E para todos êles César tem sempre uma frase amável que os encanta e cativa.

No decorrer dêste ano, transitaram pelo programa César de alencar, nada menos de quatorze artistas internacionais, a saber: Fernando Albuerne, Leo Marine, Alberto Ribeiro, Roberto Ingles, Pedro Vargas, Bernard Hilda e sua orquestra, Manolo Alvarez Mera, Maria de Lourdes Rezende e Carmen Cavalaro em temporadas que constituíram verdadeiros sucessos e, a título de visitantes, César de Alencar recebeu Fernando Torres, Eduardo Farrel, Maria Luiza Landin, Josefine Baker e Lecuonas Cuban Boy's.

Eis por que já se diz que, participar em rádio no Brasil, sem ser através do Programa César de Alencar, é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa.



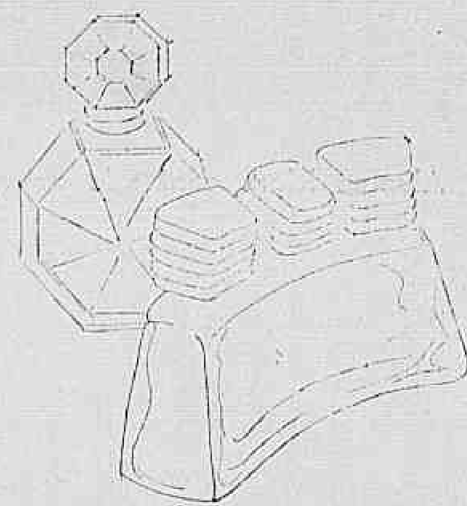
Eduardo Fàrrel apresentando-se no movimentado broadcast



Fernando Tôrres outro cartaz internacional que desfilou na sabatina da E-8

Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto de uma elite consagrou os perfumes franceses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.159